

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

HALINA DE FREITAS CESTARI

REFLEXÕES SOBRE ADAPTAÇÕES METODOLÓGICAS NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA COM VISTA À INCLUSÃO SEGUNDO PROPOSTA  
CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Campinas

2010



1290004886

TCC/UNICAMP  
C338r  
FEF

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

HALINA DE FREITAS CESTARI

REFLEXÕES SOBRE AS ADAPTAÇÕES METODOLÓGICAS NAS  
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM VISTA À INCLUSÃO SEGUNDO  
PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Especialização) apresentado à Faculdade de  
Educação Física da Universidade Estadual de  
Campinas para a obtenção do título de  
Especialização do Curso de Atividade Motora  
Adaptada.

Campinas  
2010

Unidade	<u>FEF/1404</u>
Nº. Chamada	<u>TCC/UNICAMP</u>
	<u>C338r</u>
Tombo BC	<u>4886</u>
Proc.:	
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
Valor	<u>2\$4,00</u>
Data	<u>12/07/2010</u>
Cód. Tit.	<u>615797</u>

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

C338r Cestari, Halina de Freitas.  
Reflexões sobre adaptações metodológicas nas aulas de educação física com vista à inclusão segundo Proposta Curricular do Estado de São Paulo / Halina de Freitas Cestari. - Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: José Luiz Rodrigues.  
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação física. 2. Inclusão. 3. Metodologia. 4. Proposta pedagógica. 5. Heterogeneidade. I. Rodrigues, José Luiz. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

**Título em inglês:** Reflections on methodological changes in physical education classes to include second Curriculum Proposal of the state of São Paulo.

**Palavras-chaves em inglês (Keywords):** Inclusion. Methodology. Pedagogical proposal. Heterogeneity.

**Data da defesa:** 21/05/2010.

HALINA DE FREITAS CESTARI

Reflexões sobre as adaptações metodológicas nas aulas de Educação Física com vista à inclusão segundo Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

Este exemplar corresponde à redação final da Monografia de Especialização defendida por nome do autor e aprovada pela Comissão julgadora em \_\_/\_\_/\_\_.

---

Prof. Dr. José Luis Rodrigues

Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Sofia Rabelo Marioto

Banca

---

Prof. Dr. Paulo Ferreira Araújo

Banca

Campinas

2010

## DEDICATÓRIA

*Dedico este estudo a Deus, minha família e meus alunos*

## AGRADECIMENTOS

*Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me oferecer esta oportunidade de dar continuidade aos meus estudos.*

*Aos meus pais que sempre me apoiaram na continuação dos meus estudos.*

*Ao meu orientador Prof. Dr. José Luiz Rodrigues que foi atencioso, paciente e auxiliou muito durante a realização deste trabalho.*

*A turma do curso de especialização que me ajudou em todos os momentos durante a realização do curso.*

*A todos os meus amigos de Londrina, Bauru e Campinas que sempre me apoiaram e encorajaram nos momentos mais difíceis.*

*E minha amiga Sofia que me ajudou muito na realização deste estudo, tanto pessoalmente, por telefone e virtualmente.*

CESTARI, HALINA DE FREITAS. 2010. **Reflexões sobre as adaptações metodológicas nas aulas de Educação Física com vista à inclusão segundo Proposta Curricular do Estado de São Paulo**. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

## **RESUMO**

Este estudo tem o propósito de verificar se há um processo de inclusão nas aulas de Educação Física da rede estadual de ensino e que tipo de adaptações metodológicas os docentes estão empregando para atingir este objetivo, partirá da análise da Nova proposta pedagógica do estado de São Paulo apresentada recentemente que tem como princípio o ensino centrado no aluno e voltada na aquisição de habilidades e competências pertinentes a área. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, que utiliza como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada com a população de professores de Educação Física do ciclo II do Ensino Regular Público localizado na Região de Viracopos em Campinas. Verificou-se que os professores de Educação Física do Ensino Público da seguinte região de Campinas se preocupam com o processo de inclusão em suas aulas, dão maior atenção aos alunos com necessidades educativas especiais, realizam algumas adaptações metodológicas durante sua prática, procuram variar os conteúdos curriculares e estratégias pedagógicas para a inclusão de todos os alunos, entretanto há muitos fatores que interferem durante este processo, como menor conhecimento prévio do aluno por causa da rotatividade de alguns professores, falta de comprometimento por parte de alguns professores e gestores, falta de recursos para melhores condições físicas, infra-estrutura e pedagógicos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Inclusão, metodologia, proposta pedagógica, heterogeneidade.

CESTARI, HALINA DE FREITAS. 2010. **Reflections on methodological changes in physical education classes to include second Curriculum Proposal of the State of São Paulo**. 85f. Completion of course work (Specialisation) - Faculty of Physical Education. State University of Campinas, Campinas, 2010

## ABSTRAT

This study it has the intention to verify if it has a process of inclusion in the lessons of Physical Education of the state net of education and that type of methodology adaptations the professors are using to reach this objective, it will leave of the analysis of New the proposal pedagogical of the state of São Paulo presented recently that it has as principle the education centered in the pupil and directed in the acquisition of abilities and pertinent abilities the area. It is characterized as a descriptive research, that it uses as instrument of collection of data the interview half-structuralized with the population of professors of Physical Education of cycle II of located Public Regular Education in the Region of Viracopos in Campinas. It was verified that the professors of Physical Education of Public Education of the following region of Campinas if worry about the process of inclusion in its lessons, give to greater attention to the pupils with educative necessities special, carry through some methodology adaptations during practical its, look for to vary the curricular contents and pedagogical strategies for the inclusion of all the pupils, however it has many factors that intervene during this process, as lesser previous knowledge of the pupil because of the rotation of some professors, lack of commitment on the part of some professors and managers, lack of resources for better physical conditions, infrastructure and pedagogical.

**PALAVRAS-CHAVES:** Inclusion, pedagogical methodology, proposal, heterogeneity

# LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo A</b> .....	54
<b>Anexo B</b> .....	55
<b>Anexo C</b> .....	56

# SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	10
<b>2 Revisão de Literatura</b> .....	12
2.1 Currículo .....	12
2.2 O Novo Currículo do Estado de São Paulo .....	16
2.3 Conceito de Diversidade .....	20
2.4 O Processo de Inclusão Escolar e a Educação Física .....	22
2.5 Implicações Metodológicas numa Perspectiva Inclusiva em Educação Física .....	25
<b>3 Metodologia</b> .....	29
3.1 Local da Pesquisa .....	29
3.2 Sujeitos da Pesquisa .....	29
3.3 Instrumentos da Pesquisa .....	29
3.4 Delineamentos da Pesquisa .....	30
<b>4 Apresentação e discussão dos Resultados</b> .....	31
<b>5 Considerações Finais</b> .....	48
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

A escola tem como característica marcante a diversidade cultural entre seus alunos, principalmente as escolas públicas, tendo em vista a garantia de acesso à educação. Essa diversidade em muitos casos é vista como empecilho por muitos professores e membros da escola, por “atrapalhar” o processo de ensino-aprendizagem pelo fato de apresentar resultados diversos e difíceis de serem avaliados. Cabe ao professor saber compreender essa diversidade em seus alunos, pois cada um possui sua peculiaridade, o que leva a uma interpretação diferenciada das práticas educativas aplicadas, sendo assim as respostas e feedbacks que o professor obtiver serão também diferentes.

Segundo Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.38) afirmam que “os alunos, [...], não são iguais. Os alunos são diferentes em seus ritmos de aprendizagem e em seus modos pessoais de enfrentar o processo educacional e a construção de seus conhecimentos.”

Cabe ao professor compreender essa característica peculiar encontrada na maioria das salas de aula, utilizá-la a seu favor, respeitando as diferenças dos alunos. Este deverá dispor de adaptações metodológicas, diferentes estratégias e situações de ensino para que haja uma efetiva participação de todos seus alunos.

Em virtude deste cenário o estudo tem como intenção verificar se há uma prática pedagógica inclusiva condizente com a nova Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Documento este que foi implantado há cerca de um ano e apresenta uma prática pedagógica voltada e centrada no aluno que permite a aquisição e promoção de habilidades específicas de cada disciplina. Para atender a nova proposta faz-se necessário que o professor realize algumas adaptações metodológicas para obter uma prática pedagógica inclusiva. A partir disso, pretende-se observar como os professores de Educação Física estão lidando com estas questões, e qual é o nível de preocupação e comprometimento em realizar as adaptações metodológicas necessárias que proporcione realmente a inclusão dos educandos, e se estas adaptações estão acontecendo nas aulas de Educação Física de forma a permitir maior integração e participação dos alunos com necessidades educativas especiais.

A realização deste estudo mostra-se como possibilidade de auxílio e entendimento do processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas aulas de Educação

Física na Rede Pública de Ensino. Também possibilita estabelecer uma correlação entre o conhecimento e a prática do professor, poderá evidenciar importantes informações pertinentes ao cenário atual do Ensino Público voltado para o processo de inclusão. O estudo torna-se ao mesmo tempo relevante por ser mais uma produção referente ao tema em questão, ampliando dessa forma a bibliografia nesta área pelo fato do assunto ser relativamente novo e conseqüentemente por não possuir ainda número significativo de bibliografias sobre o tema.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Currículo

O Currículo é um dos instrumentos principais para o processo de escolarização na educação formal, pois ele é a orientação aos educadores sobre que conteúdos, ações e práticas pedagógicas que os alunos devem apropriar-se para a solução de problemas ocorrida em situações de sua vida cotidiana em sociedade, familiar e no trabalho.

O PCN (1998) relata à importância do currículo dentro da escola, “a aprendizagem escolar está diretamente vinculada ao currículo, organizado para orientar, dentre outros, os diversos níveis de ensino e as ações docentes”. Nada mais é que uma ferramenta fundamental da escolarização, a qual determina ações e intenções de ensino para cada instituição escolar.

Este mesmo documento busca definir currículo como a construção,

do projeto pedagógico da escola e viabiliza a sua operacionalização, orientando as atividades educativas, as formas de executá-las e definindo suas finalidades. Assim, pode ser visto como um guia sugerido sobre o que, quando e como ensinar; o que, como e quando avaliar. (p. 31)

Para Coletivo de Autores (1992, p. 27) o currículo escolar é uma representação do “percurso do homem no seu processo de apreensão do conhecimento científico selecionado pela escola: seu projeto de escolarização”.

O que acontece na maioria das vezes nas escolas, durante esse processo de escolarização, é a ocorrência de dois currículos: o currículo formal e o real. O currículo formal seria o documento oficial originado por discussões, resoluções legais, reelaborações estruturais vinda de fora, ou melhor, de órgãos superiores. O referido documento, segundo Galhardo e Neira (2006, p. 01) “servirá como parâmetro para organizar a ação do ambiente da escola, mas não será exatamente replicado, repassado e trabalhado com os alunos”. Conforme os mesmos autores, o currículo real seria o que realmente ganha forma e corpo na prática

escolar, resultante das adequações realizadas dentro do contexto de cada ambiente escolar. O currículo real nada mais é que o currículo formal “transformado e reorganizado para adequar-se à realidade da escola, articulando as opções dos professores e as necessidades dos alunos” (p.2).

Em se tratando de proporcionar um Ensino mais inclusivo, o currículo é um dos fatores que auxiliam este processo. Uma ferramenta da escolarização que pense na diversidade e no desenvolvimento social e pessoal do aluno poderá permitir ações e intenções de ensino mais adequadas às diferentes perspectivas dentro da sala de aula.

Para Rodrigues, Krebs e Freitas (2005, p. 49) “é certamente um dos aspectos centrais que deve ser levado em conta quando procuramos realizar alterações na escola no sentido da Inclusão”.

Para Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.39) currículos que apresentam “características mais equilibradas, que dêem importância ao desenvolvimento social e pessoal do aluno e a avaliação seja feita considerando o seu progresso, facilita a um processo mais inclusivo”.

É importante salientar que sempre haverá a necessidade de flexibilizar o currículo, pois cada sala de aula é diferente da outra, cada aluno é diferente do outro, sendo assim o processo de ensino-aprendizagem deverá também ser diferenciado para cada aluno, contando com suas diferentes competências, capacidades e habilidades. Rodrigues, Krebs e Freitas (2005, p. 49) ressaltam que “a diferenciação ou flexibilidade curricular encontra-se, no entanto, há muito tempo, presente nos nossos sistemas educativos; só que não necessariamente numa perspectiva inclusiva”.

Rodrigues, Krebs e Freitas (2005, p.49) relatam também que,

a diferenciação curricular que se procura na Inclusão é a que tem lugar num meio em que não se separam os alunos com base em determinadas categorias, mas em que se educam os alunos em conjunto, procurando aproveitar o potencial educativo das suas diferenças, em suma, uma diferenciação na classe assumida como um grupo heterogêneo.

Entretanto essa diferenciação não é a construção de mais um currículo para os alunos com dificuldades de aprendizagem e sim, uma alternativa significativa que melhor atenda as necessidades destes, para que não haja nenhuma possibilidade de exclusão. É preciso analisar de forma mais minuciosa os componentes do currículo e estabelecer quais elementos devem

ser comuns para todos os alunos e quais devem ser modificados para responder às demandas dos alunos com problemas de aprendizagem (Coll, Marchesi e Palacios 2004, p.39).

Outros autores denominam essa chamada diferenciação curricular como também adaptações curriculares. Somente há uma mudança de termos, pois o principal objetivo de ambos é adequar o conteúdo, as estratégias de ensino, os objetivos e os procedimentos de avaliação *para todos*. López Ocanã (2006, p. 122) descreve as adaptações curriculares como a ação de, “adaptar elementos básicos do currículo (como são os objetivos, os conteúdos, a metodologia ou os critérios de avaliação) ou os elementos de acesso a ele (recursos, tempos, meios de comunicação, entre outros)”.

Tais adaptações curriculares são indispensáveis quando as necessidades dos alunos requerem ações, recursos ou medidas de caráter especial ou extraordinário durante toda a sua escolarização ou em algum momento dela. Estes ajustes caracterizam-se como programas de desenvolvimento tendo uma concepção mais psicológica e evolutiva do que curricular. Isso quer dizer, segundo Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 298) que essas modificações “partem de avaliações centradas basicamente na obtenção de informações acerca das dificuldades ou alterações nas diferentes áreas de desenvolvimento (cognitivo, social, emocional, motor, entre outros)”.

Os mesmos autores comentam também que não há necessidade de adaptar todos os elementos ou componentes de acesso do currículo. Fazem-se necessárias somente as adequações que são pertinentes para o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Normalmente essas adaptações curriculares conforme apontam Coll, Palacios e Marchesi (2004), podem ser realizadas de pequenas modificações a grandes alterações nos elementos do currículo ou de acesso a este. O que se vê em muitas salas de aula, para atender a grande diversidade de alunos, é pequenos ajustes dos elementos do currículo (objetivos, estratégias, procedimentos avaliativos, etc.) que o professor executa dentro da sala de aula para um melhor acesso a esse conteúdo. Porém poucos sabem que essas adaptações podem levar a eliminação de elementos básicos da escolarização como: eliminação de objetivos gerais, conteúdos essenciais e introdução de métodos/procedimentos didáticos muito específicos para certa característica de alunos. Essa mudança drástica nos elementos básicos de escolarização, segundo Pcn (1998, p. 39), “requerem uma avaliação criteriosa para serem adotados”. O mesmo documento relata também que,

a elaboração e a execução de um programa dessa natureza devem contar com a participação familiar e ser acompanhadas de um criterioso e sistemático processo de avaliação pedagógica e psicológica do aluno, bem como a eficiência dos procedimentos pedagógicos empregados na sua educação.

Para os referidos autores estes ajustes devem ser efetuados após um “processo de avaliação psicopedagógica ou interdisciplinar do aluno em interação com o contexto que fundamenta a necessidade de realizá-las”.

Há diversas formas de possibilidade de adaptação curricular, tanto dos componentes do currículo quanto dos meios de acesso do currículo. Os ajustes dos meios de acesso do currículo seriam a utilização de uma série de elementos, recursos ou ajudas técnicas que proporcionariam ao aluno acompanhar em grande parte o currículo comum. Dentre esses meios de acesso tem se ajustes como: condições físico-ambientais (barreiras arquitetônicas, sonoras, visuais e adequação de espaços), materiais, equipamentos e suportes técnicos (máquinas auxiliares, textos e outros recursos adaptados), e códigos de comunicação (meios de melhor compreensão da linguagem oral ou escrita- Braille, Língua de sinais, etc.) (Coll, Marchesi e Palacios, 2004).

As adaptações dos componentes do currículo seriam as modificações de seus elementos (objetivos, estratégias, metodologia e procedimentos avaliativos) que fazem relação a quem, como e quando ensinar e avaliar. Estas podem ser classificadas de duas formas: adaptações não-significativas e significativas. As primeiras são consideradas menos significativas, pois constituem modificações menores no currículo e são facilmente efetuadas pelo docente no planejamento de suas atividades e se apresentam na forma de pequenos ajustes dentro do contexto de sala de aula. Ao contrário das primeiras, as adaptações significativas “afetam os elementos prescritivos do currículo oficial (Coll, Marchesi, Palacios, 2004, p. 301)”. Isso quer dizer que pode haver eliminação de componentes básicos do currículo e/ou introdução de componentes específicos para certos alunos.

Manjón apud Pcn<sup>1</sup> (1998, p.35) descreve alguns tipos de adaptações não significativas e significativas do currículo, que elucidam essas alterações. As adaptações não significativas podem ocorrer alterações dos seguintes componentes curriculares:

---

<sup>1</sup> MANJÓN, D.G; GIL, J.R. & GARRIDO, AA. Adaptaciones curriculares: guía para su elaboración. Granada-Espanha, 1995. Colección: Educación para la diversidad.

*Organizativas: organização de agrupamentos, didática e do espaço;*  
*Relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, tipos de conteúdos e objetivos; sequenciação e eliminação de conteúdos secundários;*  
*Avaliativas: adaptação/modificação de técnicas e instrumentos;*  
*Procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, seleção de materiais previstos e nível de complexidade; introdução de atividades complementares ou alternativas, eliminação de componentes, sequenciação de tarefas e adaptação de materiais;*  
*Temporalidade: modificação da temporalidade para determinados objetivos e conteúdos previstos.*

As adaptações significativas do currículo descrevem as adaptações, modificações, eliminação ou introdução de componentes secundários:

*Objetivos: eliminação de objetivos básicos e introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;*  
*Conteúdos: introdução de conteúdos específicos, complementares e/ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;*  
*Metodologia e Organização Didática: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;*  
*Avaliação: introdução de critérios específicos, eliminação de critérios gerais, adaptações de critérios regulares e modificação dos critérios de promoção;*  
*Temporalidade: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção)*

## **2.2 O Novo Currículo do Estado de São Paulo**

No início de 2008 a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo apresentou o novo currículo para diretores, coordenadores, professores, pais e alunos com o objetivo de assegurar a todos uma base comum de conhecimentos e competências, fazendo com que as escolas trabalhassem como uma rede interligada.

Houve grande mobilização para que todos os gestores e educadores conhecessem e estudassem este novo documento, pois apresentava uma nova abordagem pedagógica, voltada para a aquisição de conhecimentos, competências e habilidades específicas de cada disciplina. Isto proporcionou aos educadores e gestores o desenvolvimento de trabalho em conjunto com o objetivo comum de priorizar a competência de leitura e escrita.

Além deste documento os gestores e educadores receberam dois outros textos com orientações voltadas cada um para sua prática. Os gestores receberam um caderno, *Orientações para a Gestão do Currículo*, que se trata de ações e práticas a serem realizadas para assegurar o ensino efetivo. Os professores receberam outros cadernos, *Caderno do professor*, organizados por bimestre e por disciplina, no qual apresenta situações de aprendizagem que orientam a ação pedagógica, além de sugerirem métodos, estratégias, experimentações e atividades.

A ordem de apresentação deste novo texto ocorreu obedecendo uma certa hierarquia privilegiando os cargos superiores da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, os quais transmitiram as informações e características deste documento para os demais cargos. Na continuidade do processo os supervisores de ensino tiveram reuniões para discussão deste texto, para posteriormente transmitir aos gestores das instituições escolares (diretores, vice-diretores, coordenadores) para depois repassar aos professores em reuniões pedagógicas em suas respectivas escolas.

A forma de apresentação e discussão deste novo documento ficou a critério de cada escola, pois cada instituição tem autonomia para desenvolver da melhor maneira seu planejamento e ação pedagógica, considerando as suas características, necessidades e potencialidades.

Para atender as mais variadas necessidades educacionais devido ao maior acesso das camadas populares, levando em conta a grande diversidade encontrada nas escolas e também pelo fato da sociedade atual ter o acesso as informações e ao conhecimento cada vez mais próximo, acentuando cada vez mais as diferenças culturais, sociais e econômicas, o Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria da Educação apresentou uma nova Proposta Curricular que tem como objetivo atender estas demandas e permitir um Ensino de qualidade para todos.

A Nova Proposta Curricular do Governo do Estado de São Paulo (SEESP, 2008, p.15) destaca a importância do acesso a educação,

No momento em que se conclui o processo de universalização do Ensino Fundamental e se incorpora toda a heterogeneidade que caracteriza o povo brasileiro, a escola, para ser democrática, tem de ser igualmente acessível a todos, diversa no tratamento de cada um e unitária nos resultados.

Este novo documento (SEESP, 2008, p.08) tem como objetivos básicos “promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo” bem como de “propor princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas estejam aptas a preparar seus alunos para esse novo tempo”. Dessa forma foram apresentadas princípios orientadores para a prática educativa, sendo que estas características são comuns aos currículos de todas as disciplinas, podemos citá-las como: 1) A escola que aprende 2) o currículo como espaço de cultura, 3) as competências como eixo de aprendizagem, 4) prioridade da competência de leitura e escrita, 5) articulação das competências para aprender.

Para propor um Ensino de qualidade a escola deve estar atenta e estar disposta a romper com os paradigmas vigentes. Pensa-se que o seu dever era somente de ensinar, mas nos tempos atuais, a escola deve aprender a ensinar. As interações entre seus sujeitos (gestores, alunos, funcionários e professores) permitem ações de caráter formador que muitas vezes estes não se dão conta. (SEESP, 2008)

Outra ação orientadora para a prática educativa que deve ser estabelecida é que a escola não pode se prender exclusivamente a aquisição de conhecimentos e saberes científicos, devendo levar em conta a cultura inserida no processo de aprendizagem, tanto a cultura local quanto a mundial, proporcionando ao aluno diferentes situações e desejos de aprender. As atividades extraclasse não são extracurriculares, quando se quer articular a cultura ao conhecimento. Deve também considerar o ato de aprender não ocorre somente na sala de aula, mas também fora dela, nos encontros com professores, nas reuniões, atividades e eventos realizados por a mesma.

Outro preceito básico que deve ser colocado em prática é um ensino que dê ênfase na aquisição de competências e habilidades. Isso quer dizer que, ao invés de avaliar se o aluno no final do ano letivo aprendeu tal conhecimento específico, é verificar se ele se apropriou de competências e habilidades que possibilitam fazer uma leitura crítica, saber compreendê-lo, propor explicações e idéias para agir nos diversos problemas encontrados no dia-a-dia. Por exemplo, ao invés de descrever que um aluno aprendeu a desenhar uma tabela ou gráfico, espera-se com um ensino voltado na aquisição de competências, além de aprender essa informação este aluno sabia também “ler” e observar os dados apresentados para solucionar questões deparadas no cotidiano.

Dentre essas competências ou habilidades priorizam-se a leitura e a escrita, pois é por meio da linguagem que o aluno se expressa, representa e age sobre o seu mundo. A Proposta Curricular de SP relata que,

graças à linguagem, o pensamento pode se tornar antecipatório em sua manifestação mais completa: é possível calcular as conseqüências de uma ação sem precisar realizá-la. Pode-se ainda fazer combinações e analisar hipóteses sem precisar conferi-las de antemão, na prática, pois algumas de suas conseqüências podem ser deduzidas apenas no âmbito da linguagem (SEESP, 2008, p. 17).

Vale lembrar que o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, não cabe somente ao professor de Português e sim a todos os professores, os quais devem oferecer atividades que consolidem o uso da língua portuguesa, não deixando de lado outras formas de linguagens e códigos que fazem parte da cultura.

A Proposta Curricular de SP adota 5 (cinco) competências em comum dentre as diversas áreas de conhecimento, que foram formuladas no referencial teórico do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, para atender aos quesitos de desenvolvimento das competências de leitura e escrita (ENEM, 2009, p. 01), descrevem que,

1 – Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica; 2- Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas; 3 – Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema; 4 – Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente; 5 – Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaborar propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Estas são competências em comum que cada área ou disciplina deverá trabalhar com o aluno durante o ano letivo, entretanto cada disciplina também tem competências específicas que direcionam melhor o professor no desenvolvimento de seu planejamento.

Essas áreas de conhecimento que são apresentados na Nova Proposta Curricular são divididos em 4 (quatro) grandes temáticas, seguindo a recomendação do PCNEM (Parâmetros

Curriculares Nacionais do Ensino Médio), que é utilizado tanto para o Ensino Fundamental do ciclo II quanto o Ensino Médio, são divididas da seguinte forma: 1- A área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Ciências, Biologia, Física e Química); 2 – A Matemática e as áreas de conhecimento ; 3 – Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) e 4 – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna – Lem, Artes e Educação Física).

No caso particular da Educação Física, a disciplina está dentro da temática de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias relacionada a área que aborda as representações, fenômenos, linguagens e códigos pertinentes ao corpo, cultura corporal e esportiva. A finalidade da Educação Física é repensar a prática educativa por meio de conteúdos culturais relacionados ao movimentar-se humano, que engloba os grandes eixos temáticos (o jogo, esporte, ginástica, luta expressão corporal). O objetivo principal do ensino da Educação Física no ensino regular público estadual (SEESP, 2008, p. 42) é que,

a partir do variado repertório de conhecimentos que os alunos já possuem sobre as diferentes manifestações corporais e de movimento, e buscar ampliá-los, aprofundá-los e qualificá-los criticamente. Desse modo, espera-se levar o aluno, ao longo de sua escolarização e após, a melhores oportunidades de participação e usufruto no jogo, esporte, ginástica, luta e atividades rítmicas, assim como a possibilidades concretas de intervenção e transformação desse patrimônio humano relacionado à dimensão corporal e ao movimentar-se – o qual tem sido denominado de “cultura de movimento”.

### **2.3 Conceito de Diversidade**

Para Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 290), ao fazer referência sobre diversidade, apontam que “todos os alunos têm necessidades educativas individuais próprias e específicas para ter acesso às experiências de aprendizagem necessárias à sua socialização, cuja satisfação requer uma atenção psicológica individualizada”.

Um aluno não é igual ao outro, em se tratando das experiências e vivências, do dia-a-dia, educação, moradia e diferentes estruturas familiares. Em sala de aula essas diferenças

individuais determinam a formação de classes heterogêneas, que possuem educandos com as mais diversas características, alguns alunos mais extrovertidos, outros mais tímidos, uma outra parcela com comportamentos inadequados, agressividade, como há também alunos críticos, independentes e participativos.

Segundo Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 290) “nem todos os alunos, porém, enfrentam com a mesma bagagem e da mesma forma as aprendizagens estabelecidas [...], visto que têm capacidades, ritmos, motivações e experiências diferentes que mediam seu processo de aprendizagem”.

No contexto da aula, essas diferenças individuais acarretaram resultados diversos sendo que para o professor torna-se de difícil interpretação, o que possivelmente dificulta a sua atuação e a avaliação durante o processo de ensino-aprendizagem.

É importante destacar que não é dada ênfase a diferença individual em si, nem a dificuldade ou limitação, mas sim no contexto na qual esses alunos estão inseridos. Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 22) notam que “é necessário [...] combinar os traços comuns com as características próprias de cada aluno e de seu contexto. Deve analisar de forma interativa a situação de cada criança e que leve em conta [...] o que tem em comum com outras crianças e o que é específico dela”. Muitos professores têm a dificuldade em separar as diferenças individuais de seus alunos perante o processo de aprendizagem, por muitas vezes categorizando em sala de aula essa peculiaridade do aluno propiciando um ambiente excludente. Por exemplo, um professor que tenha um aluno hiperativo em sua turma, deve levar em conta as características que ele apresenta em sua aula, como não conseguir apreender muitas informações complexas, ter o tempo de atenção menor que os outros, entre outros fatores. Muitas vezes o professor não adapta sua prática pedagógica acaba que deixando “de lado” este aluno, “fechando os olhos” para a participação e não dando atenção suficiente ao mesmo.

Silva, Seabra e Araújo (2008, p. 157-158) comentam que,

Mediados pela perspectiva inclusiva, adotamos um caminho que não fosse o de identificar, salientar limitações e, tampouco, ignorá-las, mas de buscar critérios nos princípios da diversidade, pluralidade e adaptação e possibilidades de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade na área da cultura corporal de movimento.

Nesse contexto há de se ressaltar a importância da conceituação dos termos utilizados numa perspectiva educacional inclusiva para melhor explicar e justificar o conceito de diversidade. A Declaração de Salamanca (1994, p. 3) afirma que “todas as crianças e jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldade de aprendizagem”. Para O’Regan (2007, p. 11) “as necessidades não são julgadas segundo uma escala pré-determinada de dificuldade ou desempenho, mas em relação à maneira como a criança está se saindo em comparação com seus colegas”.

Outros autores como Silva, Seabra e Araújo (2008, p. 158) comentam que necessidades educativas especiais seriam “decorrentes de qualquer desvantagem ou limitação, temporária ou permanente, considerada aparente ou não.”

Em se tratando da Educação Física Escolar e inclusão, a qual se remete este trabalho, o termo utilizado por Araújo, Silva e Seabra (2008) é o que melhor define a diversidade escolar encontrada na aulas de Educação Física. Este trabalho não dá ênfase aos alunos com deficiência, mas aos alunos que apresentam algum tipo de dificuldade ou desvantagem nas aulas de Educação Física. Ele abrange uma população de alunos que apresentam características *não aparentes*, citados pelos autores, como alunos com baixa experiência motora, obesos, tímidos, hiperativos, superdotados, desajustes sociais e econômicos, entre outros.

Eles denominam também que há um “ponto cego”, na ação do professor de Educação física, ao deparar com a presença de alunos com características *não aparentes*<sup>2</sup>, proporcionando na maioria das vezes distanciamento e exclusão desses alunos.

#### **2.4 O Processo de inclusão escolar e a Educação Física**

Há muito tempo discuti-se sobre o processo de inclusão nas instituições escolares, mas foi a partir da década de 90, que as discussões se tornaram mais efetivas devido às diversas

---

<sup>2</sup> Os professores de Educação Física não levam em consideração em suas aulas a participação de alunos com características não aparentes.

reuniões sobre este tema e as resoluções que foram promulgadas nessa época. A primeira delas foi a Conferência de Jomtien (1990), na qual foi produzida a Declaração Mundial Sobre a Educação para Todos, que tinha como objetivo estabelecer metas, princípios de ação e definição de políticas para melhoria da Educação (Declaração Jomtien, 1990).

Em 1994, a Declaração de Salamanca, resultado da Conferência Mundial de Educação Especial, discutia o processo de inclusão, políticas públicas e ações pontuais destinadas as instituições educacionais. Vale destacar que no seu primeiro artigo cita a principal ação para processo de inclusão, “toda criança tem o direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem (SALAMANCA, 1994, p. 1).”

Em 1992, o Seminário Regional sobre Política, Planejamento e Organização da Educação Integrada para alunos com necessidades especiais realizado na cidade de Caracas Venezuela, se preocupava com a preparação profissional dos professores do Ensino Regular. Em Santiago, no Chile, aconteceu o V Reunião do Comitê Regional Intergovernamental do Projeto de Educação na América Latina e Caribe, no qual implicou a criação da Declaração de Santiago que enfatizava a melhoria na qualidade da aprendizagem, combate ao analfabetismo e melhoria da educação (ARAÚJO, SILVA E SEABRA, 2008).

Araújo, Silva e Seabra (2008, p.99) relatam também os documentos instituídos no Brasil, abordando o tema inclusão,

O volume de publicações que reflete sobre o assunto, seja para se posicionar a favor ou contra, é expressivo, e, assim como a legislação brasileira (sob a influência de forças internacionais, [...]), ganha novas formas, expressando-se principalmente na LDB da Educação Nacional, Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei da Acessibilidade, Resolução n. 7/03/04 da Câmara de Ensino Superior.

Mittler (2003, p. 24) complementa que o processo de inclusão envolve uma “reforma e reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a toda a gama de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola”. O mesmo autor comenta que o processo de inclusão implica,

uma reforma radical nas escolas em termos de currículos, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos nas atividades de sala de aula. Ela é baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade que tem como base o gênero, a nacionalidade, a raça, a linguagem de origem, o background social, o nível de aquisição educacional ou a deficiência (p. 34).

No caso da Educação Física não é diferente, o conteúdo corpo, vivências corporais e motoras pode ser tratado na escola de forma inclusiva, se o professor souber trabalhar estes conteúdos adequadamente.

Rodrigues (2003, p. 69) descreve as vantagens que esta disciplina proporciona ao processo de inclusão,

Os conteúdos ministrados apresentam um grau de determinação e rigidez menor do que em outras disciplinas. O professor de Educação Física dispõe de uma maior liberdade para organizar os conteúdos que pretende que sejam vivenciados ou aprendidos pelos alunos nas suas aulas. [...] Assim, aparentemente a Educação Física seria uma área curricular mais facilmente inclusiva, devido à flexibilidade inerente aos seus conteúdos, o que conduziria a uma maior facilidade de diferenciação curricular.

Isso permite dizer que os conteúdos da Educação Física podem ser flexibilizados ampliando o leque de possibilidades de participação dos alunos na aula. Essa maior diversificação oferece uma melhor oportunidade de participação dos alunos nas aulas, pois alguns podem ter êxito em alguns conteúdos, talvez por gostarem ou terem maior conhecimento.

Outra vantagem destacada também por Rodrigues (2003, p. 69) é de que “os professores de Educação Física desenvolvem atitudes mais positivas perante seus alunos” do que o restante dos professores. Isso pode ser levado em conta, pois um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento de um ambiente inclusivo é a atuação de professores perante atitudes positivas. “A interação e a comunicação facilitadas ajudam o desenvolvimento de amizades e o trabalho com os colegas. Os alunos aprendem a ser sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer [...] com as diferenças e as semelhanças individuais entre seus pares” (STAINBACK E STAINBACK, 1999, p. 23).

## 2.5 Implicações Metodológicas numa Perspectiva Inclusiva em Educação Física

Na busca de intervenção consciente e segura é importante que o professor tenha pleno conhecimento dos diversos métodos, estratégias e situações de ensino para a sua docência, não ter domínio destes saberes se equivale a um médico não saber indicar o medicamento adequado ao seu paciente.

A mais de duas décadas, Xavier (1986, p.02) relata que a principal função do método é, “guiar o educador e os educandos para alcançar os objetivos propostos, nitidamente concebidos e mantidos”.

Este mesmo autor ressalta a importância de se conhecer diferentes métodos de ensino, assim sendo o educador estaria em melhores condições em optar pelo método mais adequado nas diversas situações de intervenção.

Adicionado a isto, vale lembrar, que o professor também deve se preocupar com a diversidade cultural dos alunos em sala de aula, bem como a maior participação discente no processo de aprendizagem. Isso quer dizer que permitir um ensino inclusivo leva tempo, muito trabalho, estudo e comprometimento para oportunizar diferentes formas de atuação que propiciem maior envolvimento dos alunos. Dexsler e Werle (2007, p. 105) comentam que a “ação educativa inclusiva nos moldes atuais é tarefa complexa”.

Possibilitar alternativas de práticas pedagógicas trará ao docente novas perspectivas para um ensino inclusivo resultando em maiores chances de interação interpessoal, interação aluno/professor, maior participação, colaboração e respeito mútuo entre as partes. Ferreira (2007, p. 553) fala que “a relação aluno/professor precisa ser dinâmica, interativa, para incrementar e possibilitar renovações”. Para Silva, Seabra e Araújo (2008, p. 172) esta interação deve ocorrer entre “ professor, o aluno e o ambiente, na perspectiva de uma ação pedagógica não fragmentada [...], no sentido de promover a inclusão”.

A principal dificuldade do professor é saber que ações devem adotar em sua docência para que haja uma efetiva prática pedagógica inclusiva. Antes de tudo o professor deve estabelecer critérios “sobre o que o aluno deve aprender, como e quando aprender, que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de ensino-aprendizagem, como e quando avaliar o aluno (PCN’s, 1998, p. 33)”.

A partir daí o professor conseguirá visualizar o que deve fazer, o que não deve fazer, para quê e porque deve fazer, que conhecimentos deverá apoderar-se, que procedimentos processuais e didáticos são mais propícios, que técnicas e instrumentos poderá utilizar para que facilite o processo de inclusão.

Silva, Seabra e Araújo (2008, p. 174) sugerem que a prática da ação docente inclusiva deve,

1. Favorecer o desenvolvimento, adaptando atividades quando necessário, dando oportunidades iguais de participação a todos os alunos;
2. Estimular o desenvolvimento, motivando a participação, apresentando-se disponível e acessível aos alunos;
3. Orientar o desenvolvimento oferecendo instrução adequada, dicas e *feedback* necessários, antes, durante e/ou após as aulas.

Outros fatores que podem auxiliar em uma melhor intervenção docente para a prática inclusiva é o tempo de aprendizagem do aluno durante o processo de ensino. Isso quer dizer que o professor deve respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno, durante as atividades propostas, pois suas diferenças individuais correspondem a diferentes ritmos de aprendizagem podendo ser relacionadas quanto ao tempo, percepção ou compreensão. O Coletivo de Autores (1992, p.105) relata a importância de se respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno, “atenção a ser dada ao tempo pedagogicamente necessário para que a aprendizagem se efetive, [...], que deve ser adequado ao ritmo de aprendizagem da turma”.

O uso da comunicação se faz presente também em um ensino que proporcione maior participação de todos, pois permite ao aluno sentir-se responsável por sua própria aprendizagem, o motivando a ter maior interesse para a atividade. Kunz (2003) comenta que por meio do uso da linguagem a ação didático-pedagógica do professor pode promover maior interesse e participação dos alunos, ela o define como *agir comunicativo*. Para Kunz (2003, p. 122-123) o *agir comunicativo* possibilita “expressar entendimentos do mundo social, subjetivo e objetivo, da interação para que todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências, e agir de acordo com as situações e as condições do grupo em que está inserido”.

Outro ponto a se considerar são as organizações de ensino e situações de aprendizagem que o docente elabora em um ambiente que todos participem, interagem entre si e com o professor e apreendam melhor tal conhecimento ou competência. Existem diversos meios que subsidiam o educador para atingir tal objetivo como: um planejamento acessível a todos, utilizar diferentes estratégias metodológicas, oferecer experiências e atividades

diversificadas com variados graus de complexidade, dar oportunidade para que o aluno possa ser responsável por seu aprendizado, incentivar a autonomia entre seus pares, utilizar uma ampla gama de recursos materiais, combinar diferentes formas de agrupamentos, processos avaliativos diferentes e um ambiente que valorize o respeito mútuo e colaboração (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004).

Antes mesmo da “aula começar” há uma ação docente muito relevante levando em consideração às diversidades em sala de aula, o planejamento. Tanto o planejamento anual, das unidades temáticas e das aulas o planejamento é o guia que norteia os processos de ensino e aprendizagem. O professor preparado para as diversas situações que possam ocorrer durante a aula sabe como solucionar tais dificuldades, para isso o planejamento deve ser flexível e acessível a todos os alunos.

Para Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 293) o planejamento deve

conseguir o difícil equilíbrio entre responder ao grupo como tal e cada aluno dentro dele. Isso implica o conhecimento tanto das características e das necessidades educativas gerais do grupo [...] como das características e das necessidades mais específicas que determinados alunos possam apresentar.

Empregar estratégias metodológicas diversificadas com base em princípios pedagógicos essenciais traz ao professor à possibilidade de adequar melhor às necessidades de cada aluno. Concepções teóricas baseadas em princípios construtivistas, como de Piaget e Vygotsky, que se apóiam na idéia de interação entre o organismo e o meio, “permitem ajustar à ajuda pedagógica as diferentes necessidades, aos estilos de aprendizagem e aos processos de construção de cada aluno (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 294).”

Oferecer experiências e atividades com diferentes graus de diversidade e complexidade conduz a diferentes possibilidades de execução e expressão. É o que se pede em se tratando de buscar um ensino inclusivo, quando temos a diversidade dentro da escola. Coll, Marchesi e Palacios (2004) exemplificam essa diversificação das experiências e atividades em sala de aula como: propor várias atividades para um mesmo conteúdo, apresentar uma mesma atividade com diferentes graus de complexidade, o uso de trabalho por meio de projetos, oficinas, laboratórios, entre outros.

Combinar diferentes agrupamentos, tanto com relação ao tamanho de grupos quanto ao tipo de agrupamentos, também é bastante benéfico, pois o uso desta ferramenta permite maiores respostas diferenciadas para uma mesma finalidade proposta. O critério para a formação destes agrupamentos devem também levar em conta as necessidades dos alunos, as suas características e interesses. No caso da Educação Física, esta ganha um crédito nesse

assunto, pois nessa disciplina é muito difundido o uso desta estratégia de aprendizagem, principalmente em relação à aula prática. O uso de duplas, trios, e grupos nas aulas de Educação Física resulta em diferentes trocas de experiências entre seus pares, maior interação interpessoal e respeito pelo outro.

Utilizar diversos recursos materiais é também importante nesse propósito, pois permite ao professor diversificar suas atividades e ampliar o nível de compreensão de seus alunos (Coll, Marchesi e Palacios, 2004). Por exemplo, considerando que certo grupo de alunos tem maior dificuldade na compreensão de determinado assunto, a utilização de diferentes recursos, sejam eles áudios-visuais, virtuais e recursos humanos, possibilita a estes alunos compreender melhor certo tema que necessita maior atenção.

Os procedimentos avaliativos também requerem atenção quando se pensa em um ensino na diversidade, devem se adaptar a diferentes estilos, capacidades e possibilidades de expressão. Uma avaliação contínua e que leve em conta as atividades, produções e registros dos alunos, proporciona ao docente um melhor ajuste de sua ação pedagógica. Vale lembrar que os alunos devem ter conhecimento de que critérios estão sendo considerados e deve ter sempre um diálogo sobre que tipo de estratégias poderá trazer melhores resultados (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004).

Valorizar um ambiente cooperativo, colaborativo e que ofereça o respeito mútuo é outra situação a ser utilizada para um ambiente inclusivo. Sabe-se que os alunos não aprendem somente com o professor mais também com seus pares, assim é preciso desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade por sua própria aprendizagem. Essas estratégias cooperativas proporcionam “efeitos positivos no rendimento acadêmico, na auto-estima, nas relações sociais e no desenvolvimento pessoal (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 295).” Os mesmos citam sugestões de canais de comunicação que resultam nesse ambiente, como: atividades que estimulem a coesão do grupo e regulação da classe, debates, assembléias, e atitudes que não impliquem as comparações entre os alunos.

### **3 METODOLOGIA**

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, utilizando-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Foi escolhido este tipo de estudo pelo fato de melhor compreender os aspectos que permeiam o tema estudado.

#### **3.1 Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em duas escolas estaduais localizadas na região de Viracopos, no município de Campinas-SP. As escolas escolhidas para a coleta de dados, seriam as que possuíssem salas do Ciclo Fundamental II. Nesta região do município há três escolas com esse perfil, logo pretendia-se realizar entrevistas com três professores de três escolas diferentes, entretanto por dificuldades de encontro de horários com um desses professores, não foi realizada esta entrevista e não teve outra forma de localizar este docente.

#### **3.2 Sujeitos da Pesquisa**

Foram entrevistados quatro professores de Educação Física do ciclo fundamental II sendo que dois professores de uma escola e outros dois professores de uma outra escola da mesma região selecionada. As entrevistas foram executadas dentro do ambiente escolar, em momentos em que o professor estaria com horário vago em ambiente mais propício para a gravação da entrevista semi-estruturada.

#### **3.3 Instrumentos de Pesquisa**

Para as gravações destas entrevistas foram utilizadas um gravador de som acoplado a um celular. As transcrições das respostas foram realizadas por meio de digitação para um

“arquivo” Word de um computador. Foi mantido o sigilo dos nomes destes profissionais, sendo assim foram utilizados nomes fictícios no transcrito do estudo.

### **3.4 Delineamentos do Estudo**

Num primeiro momento, foi realizada a busca de referencial teórico relacionado ao tema, revisão de literatura, formulação do roteiro de perguntas para as entrevistas e termo de consentimento.

Foi feito um primeiro contato com estes professores por meio de telefone, para a aceitação verbal e agendamento das entrevistas para a coleta de dados. Foi solicitado que as entrevistas fossem realizadas no ambiente escolar, por não causar muitos transtornos para o entrevistado e por ser mais fácil para o entrevistador encontrar este docente.

No segundo momento as entrevistas semi-estruturadas foram efetuadas num período entre o final do ano letivo de 2009 e começo do ano letivo de 2010. Uma dessas entrevistas foi feita durante as férias, pois foi o período que mais coincidiu com a agenda do entrevistado e o entrevistador.

No terceiro momento a transcrição das respostas foi realizada logo após o momento em que ocorreram as entrevistas.

Após a digitação das respostas utilizando um microprocessador Windows Vista 2009 e Microsoft Office Word 2007, os dados coletados foram utilizados para a análise e discussão dos dados relacionando-os com o referencial teórico.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas foram realizadas em duas Escolas Estaduais situadas na região de Viracopos, na cidade de Campinas-SP, sendo duas entrevistas de cada escola. Podemos descrever a primeira escola como a de número um, entrevistados os professores Paulo e Maria e a segunda escola como a de número dois, entrevistados os professores José e Ana. Os dois professores da escola número um são professores temporários, não são efetivos da escola, sendo que a professora Maria está na escola um desde 2002, há sete anos. Para o professor Paulo é o primeiro ano na escola de número um. Na escola de número dois, os dois docentes são efetivos da escola, tendo cerca de três anos de efetivação nesta mesma escola.

Todos os professores entrevistados souberam definir o que significa o termo inclusão, pois é um assunto muito discutido dentro do contexto escolar e também nas escolas estaduais, principalmente com o surgimento da nova proposta curricular do Estado de São Paulo, a qual dá ênfase à diversidade escolar. Tiveram-se as seguintes respostas:

*“poder possibilitar um máximo de condição possível para que todos possam estar inseridos, dentro do que você vai trabalhar, dentro do contexto, do que você está propondo ali naquele momento”*

*“oportunidade das pessoas com deficiência com dificuldades especiais, né... estarem mais envolvidas dentro da sociedade”.*

*“a própria palavra já tá dizendo, incluindo né, uma pessoa que estaria sendo excluída. Você estaria colocando no meio alguém que, ou por ele mesmo ou pelo grupo, ou ele se sente excluído ou ele está sendo excluído pelo grupo. Você estaria colocando ele no meio pra participar”*

*“Eu entendo por inclusão todo aquele indivíduo que necessite de uma condição especial para realizar uma atividade, seja ela qual for”*

Todos eles têm experiência na educação do Ensino Regular cerca de cinco a quinze anos, pois se tratam de professores relativamente jovens, com faixa etária entre 30 e 45 anos. Isso quer dizer que em algum momento de sua atuação ou durante sua formação superior estes docentes tiveram alguma informação com relação ao termo inclusão, pois a mais de quinze anos tem-se falado sobre este assunto. Segundo Araújo, Seabra e Silva (2008) documentos oficiais de Conferências, Seminários e Reuniões internacionais e nacionais têm sido promulgados, em maior número a partir da década de 90, quando instituiu importância a educação obrigatória de qualidade a todos. No Brasil a discussão sobre o assunto inclusão, educação e ensino de qualidade a partir de documentos como LDB, Estatuto da Criança e Adolescente, Lei da Acessibilidade, Pcn, entre outros.

Questionados sobre como estes profissionais tiveram acesso e divulgação da nova Proposta Curricular, todos os professores afirmaram que tiveram informações sobre o novo documento, por meio de reuniões pedagógicas (htpc: hora-atividade pedagógica dentro da escola), vídeos, planejamentos e replanejamentos anuais com os professores e gestores de cada escola e também por veículos de comunicação (televisão, internet e jornais). A divulgação começou com a entrega de materiais impressos, chamados pelos professores como “jornalzinho” (por ser um formato de jornal), para cada aluno por disciplina, contendo textos e atividades propostas com a nova abordagem de processo de ensino-aprendizagem por meio de habilidades e competências relacionada ao principal objetivo da nova proposta curricular, o estímulo a leitura e escrita.

*“com alguns htpc que teve na escola que eu trabalhei no ano passado, através do veículo de comunicação, que estavam divulgando que iria ter a proposta nova, mas o grande momento mesmo que eu conheci a proposta foi na escola quando veio a princípio aqueles jornais que a gente, né... que a gente teve conhecimento da proposta. A gente ficou trabalhando uns 2 ou 3 meses com esse material e aí quando veio a proposta já praticamente definida foi dentro da escola nos htpcs”.*

*“Começou em 2008 [...] foi no 1º bimestre teve o jornalzinho, antes do currículo que já era uma das propostas, né!. Já era uma das propostas de tá mudando o currículo do Estado, depois apareceram os livrinhos, os livrinhos apareceram... que é aquele livro geral da proposta curricular, foi entregue pelo coordenador ...*

*“Teve 2 dias que a direção da escola e a supervisão, vieram para a escola, daí teve a divulgação, teve o vídeo do Estado. Foram 2 dias, eu me lembro. Foi em 2008, foi assim que eles entregaram, daí o material também, que fizeram a divulgação da Proposta”*

*“Por meu meio mesmo, consultando na internet. Lendo alguma coisa na internet. Porque nós não recebemos nada. [...] Eu recebi uma proposta curricular esse ano da educação física, o caderno de 2008. Que é o que nós temos na escola”*

Percebeu-se que essas discussões não foram muito aprofundadas com relação a área ou disciplina, pois houve pouco tempo para discussões e estudo deste novo documento.

*“foi discutido no geral, não foi discutido por áreas específicas”*

*“Eu não vou dizer que foi uma discussão aprofundada, nós olhamos o material, mas assim não teve opinamento ainda porque, nós recebemos o jornal primeiro, e foi passado o material novo, sem aquele tempo de você estudar o material novo antes, né! Foi dado e depois começava a trabalhar, então a gente foi estudando no decorrer do percurso mesmo”*

A aceitação por parte dos professores foi positiva, pois o novo currículo aborda conteúdos diferentes e diversificados, mudando um pouco a sentença de se trabalhar somente os quatro esportes, futebol, voleibol, basquete e handebol. Pode-se verificar também que um dos objetivos propostos do novo currículo foi observado por os professores, houve uma maior integração dos conteúdos e conhecimentos apreendidos durante o ano letivo, isso quer dizer todas as escolas estaduais “falam a mesma língua”, ou seja, trabalharem os conteúdos como uma rede interligada.

*“A maioria das pessoas que eu andei conversando, de repente falando sobre a proposta, a maioria achou que foi boa, foi viável, né!! era o que estava faltando dentro do Estado uma integração entre todas as escolas, com o mesmo conteúdo, o mesmo ponto. Antigamente era assim, cada um dava o que achava que era interessante, né...e as vezes um aluno estava numa escola e saia dessa escola e ia pra uma outra que e... não sabia o que estava se ensinando, em lugar nenhum. Cada um dava seu tiro pra*

*cada lado, você atirava naquilo que não via para acertar no que não queria, entendeu?? Mas eu achei que foi válido, né!! A proposta, e a maioria dos professores que a gente andou conversando, era isso né!!*

*“O que mudou pra eles, o que eu sentia assim, foi que abriu um leque maior de conhecimento, isso foi interessante ... porque antigamente o que se ensinava nas escolas? Handebol, basquete, futebol de salão, e vôlei, ponto, né?! Eu até, as vezes, eu me atrevia em algumas aulas, né... eu fugia um pouco desse cotidiano do esporte... e trabalhava alguma coisa de ginástica, trabalhava alguma coisa de dança, né! Eu sempre gostei de dança. Mas... no geral era isso. Você ficava preso a essas modalidades esportivas. Com a proposta Ela te dá um leque maior pra te trabalhar, e aí os alunos tem a opção, o nível de cultura deles aumenta em relação a isso”*

*“O objetivo do currículo é assim tirar essa visão de que a Educação Física só é futebol, ou só é vôlei, ou só a parte prática, tá assim conscientizando os alunos sobre saúde, alimentação, doenças, uma parte... uma visão geral mesmo de corpo, de consciência corporal, de respiração, então assim, eu acho assim extremamente válido”*

A presença de uma proposta curricular que possui um amplo leque de conhecimentos que possibilite contextualização dos conteúdos e diversificação das atividades propostas, segundo os entrevistados, permite proporcionar um processo de inclusão e participação dos alunos, pois as aulas de educação física não se restringem apenas a prática pela prática e a busca de habilidades motoras padrão. Os alunos não ficam restritos somente a aprender práticas e técnicas esportivas, e sim a outros conhecimentos que pertençam a Cultura Corporal do movimento, desse modo os alunos que tenham alguma dificuldade ou desvantagem, não se sentem excluídos por não poder atender as expectativas de aprender certas habilidades motoras exigidas. Rodrigues (2003) comenta que a disciplina Educação Física tem certa vantagem, pois seus conteúdos ministrados têm menor determinação e rigidez do que as outras disciplinas, dessa forma os professores possuem maior liberdade para organizar e flexibilizar seus conteúdos.

Somente para um dos professores não houve muita aceitação deste documento, pois do que foi escrito muita coisa não se pode fazer dentro das possibilidades da escola. A fala da professora Ana descreve seu desapontamento sobre o assunto.

*“Eu acho que como toda proposta ela precisa sempre de adaptações. Do jeito que foi feito, ainda eu acho que certas coisas não correspondem com a realidade. É aquela velha história, quem publica, quem faz, realmente não vivencia o que nós vivenciamos aqui na realidade, como você está observando essa escola. Então como todos nós, né! Eu falo sempre assim, ninguém pede pra trancar ninguém dentro do guarda-roupa, porque é diferente. Só que do jeito que foi feito, é a tal história, o papel aceita tudo. Só que na realidade é bem diferente”*

Neira e Galhardo (2006) comentam que o currículo se apresenta de 2 formas, o currículo formal e o currículo real. O Currículo formal seria o documento oficial, o guia orientador sobre a organização do ambiente da escola que não deve ser exatamente replicado. Já o currículo real nada mais é que o currículo formal “transformado e reorganizado para adequar-se à realidade da escola, articulando as opções dos professores e as necessidades dos alunos (GALHARDO E NEIRA, 2006, p.2)”. Cabe ao corpo docente e a escola realizar adaptações curriculares para atender as suas necessidades, pois cada escola possui particularidades específicas de ensino e aprendizagem.

Quando perguntados se o novo documento permitia refletir e proporcionar um processo inclusivo na escola, e de que forma pode-se verificar esta ação, a maioria dos professores afirmou positivamente e responderam como se pode obter tal resultado.

*“Sim, sim, sem dúvida. A proposta né... Ela tem essa, essa...(pausa) vamos dizer assim, esse lado de você estar trabalhando como um todo, né! Não tem a questão de você trabalhar isolado ou específico”*

*“Permite. Muito. É que são atividades diferenciadas... é... atividades diferenciadas e diferentes”*

*“Eu procuro é verificar os temas. Vou dar um exemplo aqui, lutas. A sétima série falava pra ensinar o caratê, só que eu faço um pouco diferente, eu olho o tema, aí eu vou com a sala mostro o tema, faço um mapeamento né! Um reconhecimento do que eles conhecem de luta, a partir daí nós definimos primeiro as lutas simples, luta de braço, cabo de guerra, as lutas simples, o canguruzinho, para depois partir para lutas um pouco mais complexas, sumo, né! Nós fizemos ano passado, sumo e um pouco de judô, usamos roupão de banho, e colchonete que tem na escola. Mas assim, partindo sempre do contexto da realidade deles, porque fica sem sentido nenhum, né!”*

A preocupação em oferecer um ambiente inclusivo em suas aulas de Educação Física também é evidente nas respostas dos professores, todos responderam que se preocupam com a inclusão. Ferreira (2007, p. 553) fala que “a relação aluno/professor precisa ser dinâmica, interativa, para incrementar e possibilitar renovações”. Silva, Seabra e Araújo (2008, p. 174) sugerem que a prática da ação docente inclusiva deve,

1. Favorecer o desenvolvimento, adaptando atividades quando necessário, dando oportunidades iguais de participação a todos os alunos;
2. Estimular o desenvolvimento, motivando a participação, apresentando-se disponível e acessível aos alunos;
3. Orientar o desenvolvimento oferecendo instrução adequada, dicas e *feedback* necessários, antes, durante e/ou após as aulas.

A professora Ana descreve que o documento não permite proporcionar um ambiente inclusivo, pois sua escola é carente em todos os aspectos, estrutura física, material e organizacional. O que foi proposto não condiz com a realidade da escola.

*“Não porque eu acho que já falei já. Na realidade no papel é um, e realidade da estrutura física é outra, e mesmo de conhecimento. Nós não somos assim, não fizemos um aperfeiçoamento pra trabalhar com essas necessidades, e é impossível, você ver a estrutura da nossa escola, a escadaria pra todo lado, falta de material, falta de apoio do pessoal pra mim apoiar, levar o material”*

Sobre suas ações e estratégias que utilizam para proporcionar um ambiente inclusivo em suas aulas, os professores responderam diversas formas de situações de aprendizagem que melhora a participação e interação dos alunos. A professora Maria comenta que uma das formas de oferecer um ambiente inclusivo, antes mesmo da presença desse novo documento, é de se preocupar em não evidenciar a competição e seleção de alunos habilidosos, tratando suas aulas de forma mais recreativa e que todos participem, não exigindo nessas atividades habilidades motoras excelentes.

*“Eu mesma já colocava é... no 1º bimestre um esporte que não fosse o futebol, que é o esporte que eu acho que faz mais diferença, que proporciona maior exclusão. Então eu começava com um outro esporte, por exemplo o handebol, ai primeiro eu fazia um é... exercícios que fossem mais recreativos, como por exemplo, a queimada, de forma que todos participassem”*

Para o professor José suas atividades têm uma sequência de complexidade e variedade que possibilita uma maior participação de todos, e este sempre busca também as opiniões e sugestões de seus alunos no seu planejamento e execução das aulas. Coll, Marchesi e Palacios (2004) exemplificam que a diversificação das experiências e atividades em sala de aula para este tipo de objetivo seriam propostas como: propor várias atividades para um mesmo conteúdo, apresentar uma mesma atividade com diferentes graus de complexidade, o uso de trabalho por meio de projetos, oficinas, laboratórios, entre outros.

*“O ano passado foi bem legal, você pega, por exemplo, capoeira, eu não tinha o conhecimento muito profundo de capoeira, mas tinha alguns alunos que vieram e me ajudaram”*

*“não gosto muito de cópia de lousa, eu tenho vários textos artigos de jornal, vai dando proximidade do início do conteúdo, da internet eu trago muita coisa para sétima e oitava séries, principalmente, muita coisa de jornal a respeito de atletismo, a respeito de Copa que vai ter agora, lutas, a parte de rítmica, né! Que são as danças, a capoeira. Em sala eu procuro fazer muito isso, trabalhar individualmente, em grupo, né, pesquisas”*

*“Nós fizemos 10 (dez) pegadas bem simples, né. E depois eu fui apresentando as bolas, duplas, aumentando a complexidade, saíram falando que foi difícil, mas foi legal. Então procurar isso aí, dentro de um mesmo assunto variar um máximo possível de vivência para ter o máximo de também de reflexão, né!”*

A professora Ana se preocupa em receber o aluno de forma positiva, evitando qualquer tipo de constrangimento deixando-o a vontade em suas aulas.

*“Eu recebendo o aluno da melhor maneira possível, explicando o que ele pode fazer aquilo de acordo com o que ele quiser, o que ele acha que seja possível, pra não constranger, porque às vezes a gente quer muito, você fica tão em cima, eu acho que, eu já vi por experiência, que você constrange ainda mais a pessoa. Então num primeiro momento eu converso, deixo bem a vontade, vou perguntando pra pessoa também adquirir confiança em mim, adquirir nos coleguinhas da sala, então é assim que eu procedo nas aulas”*

Para Rodrigues (2003, p. 69) “os professores de Educação Física desenvolvem atitudes mais positivas perante seus alunos” do que o restante dos professores. Isso pode ser levado em conta, pois um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento de um ambiente inclusivo é a atuação de professores perante atitudes positivas.

Sobre a questão da diversidade de alunos em sala de aula, todos os professores descreveram que há grande quantidade de alunos que diferem em personalidade, comportamento, desempenho motor e dificuldade de aprendizagem. Estas escolas se localizam em bairros da periferia da cidade de Campinas onde há muitas famílias que vieram de outros estados, principalmente de outros Estados da região Sudeste e Nordeste. Muitos desses bairros não tem saneamento básico, água encanada e nem asfalto, dessa forma a maioria dessas famílias são de baixa renda e estrutura familiar desestruturada (falta de um pai, ou mãe, ou os dois: criados por tia ou avós).

As escolas são muito carentes, necessitando de melhorarias em suas estruturas físicas, adquirir materiais e recursos para atender as necessidades de aprendizagem dos alunos. Devido a grande necessidade de vagas e a presença de poucas escolas na região, estas possuem quatro períodos de aula (matutino, intermediário, vespertino e noturno) sendo que as aulas são realizadas de segunda-feira a sábado.

Os professores que lecionam nessa região recebem um adicional em suas remunerações, por serem regiões de risco de periculosidade, mas mesmo assim há grande rotatividade de docentes. Os fatores como distância, aulas aos sábados e violência faz com que muitos professores não procurem esta região para lecionar.

*“Essa região é muito carente, né! [...] você tem que pensar também, na inclusão das pessoas que moram nas áreas carentes e não tem o acesso as áreas de lazer, então aí você acaba tendo a escola, você tem que dar essa opção também para eles, além do conteúdo curricular que você tem se que envolver, dá uma noção e dá uma condição também de ele ter o que fazer dentro da escola”*

A grande diversidade de alunos descrita pelos professores nessas escolas foi de alunos que apresentavam características como: baixa habilidade motora, timidez, hiperatividade, “gordinhos”, alunos que não apreciam realizar atividades físicas e com problema de conduta. Quanto à interação entres esses alunos obtiveram-se respostas diferentes para uma mesma escola (escola número um), enquanto o professor Paulo diz que não há problemas sobre a

interação de participação desses alunos e não há bullying nem chacota entre eles, já outra professora Maria fala que, independente da faixa etária, sempre há chacota e bullying entre eles, pois eles não sabem respeitar a diversidade.

Resposta do Prof. Paulo referente à bullying entre os alunos: *“Não, não tinha”*

*“Tinha, independente da faixa etária, né! [...] Por exemplo, no ciclo II tem muito, é a própria exclusão dentro a sala de aula mesmo ou entre os alunos, entre eles mesmos se excluem, porque eles não sabem respeitar a diversidade, as diferenças, você é loiro eu sou moreno, eu sou branca você é negro, então ele mesmo vão criando a própria exclusão a partir daí das características físicas ou então as dificuldades de aprendizagem, dificuldade motora, hipertatividade, então entre eles mesmos já tinha”*

Em relação à outra escola o professor José comenta que no começo do ano os alunos ficam envergonhados no início das aulas e se soltam conforme progride o ano letivo. Não comentou se há chacota ou bullying.

*“Olha os “gordinhos” ficam mais envergonhados e os “hiperativos” realmente querem aparecer um pouco mais, eu procuro sempre, dar bastante oportunidade de variar bastante as atividades”*

Para a professora Ana, dessa mesma escola (escola número dois), fala que a participação e interação entre os alunos é boa e que atrapalha um pouco quando há momentos de indisciplina nas atividades propostas e acaba tumultuando a aula. Não comentou se há chacota ou bullying.

*“Ah, eu acho que é boa. É boa. Como você observou ali, eles mesmos acabam fazendo a brincadeiras, eles até preferem, quando a gente dirige, depois você deixa a gente pular corda? Eu vejo que eles gostam de organizar entre eles, né! [...] Tem os casos, as pessoas não gostam de chamar de indisciplina, mas a palavra parece que fere, eu não vejo problema nenhum, né! Porque quando a gente fala em indisciplina, eu pelo menos entendo assim, você estar taxando alguém, mas aquela coisa*

*que tumultua, né! Por exemplo, o grupinho que só quer mandar no jogo, ele não aceita. Até quando a gente organiza uma fila de equipe, tem sempre uns que tentam burlar, ele está fazendo uma estafeta, por exemplo, tem que ir lá dar uma volta na bola e tentar trazer, ele tem que entrar atrás, mas ele entra no meio, atrás do quinto ou sexto aluno, quando ele sabe que tem que entrar atrás. Então são essas coisinhas que mesmo assim entre as crianças e os adolescentes, nada de mais grave.*

Stainback e Stainback (1999, p. 23) comentam que “a interação e a comunicação facilitadas ajudam o desenvolvimento de amizades e o trabalho com os colegas. Os alunos aprendem a ser sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer [...] com as diferenças e as semelhanças individuais entre seus pares”. Nesse caso para o aluno aprender a conviver com a diversidade, este deve conhecer e interagir com os outros pares.

Quando perguntados sobre as estratégias utilizadas para que todos possam participar e possibilitar um ambiente inclusivo, todos os professores empregam algumas ações pedagógicas. O professor Paulo relata que se utiliza de formas diferentes de linguagem e se aproxima mais do aluno dando atenção ao aluno que se sente excluído. Para Kunz (2003) a comunicação entre professor e aluno permite maior participação, pois o aluno fica também responsável por sua própria aprendizagem, isto se torna mais interessante e instigante durante seu processo educativo.

*“os alunos que a gente percebe que tem mais dificuldade, tanto na parte prática quanto na parte escrita, a gente dá uma atenção mais perto deles, o acompanhamento é mais próximo, você tenta trabalhar outras formas de linguagem com eles”*

*“De forma geral, eu costumo trazer esse tipo de aluno para o meu lado, raramente eu fico batendo com ele, brigando com ele, batendo de frente com eles. Quando o aluno é muito hiperativo, assim, o que é que eu faço eu jogo a responsabilidade para cima dele”*

Para a professora Maria se utiliza da formação de diferentes formas de grupos na realização de aulas práticas e maior atenção para os alunos que têm mais dificuldade. Combinar diferentes agrupamentos, tanto com relação ao tamanho de grupos quanto ao tipo de agrupamentos, também é bastante benéfico, pois o uso desta ferramenta permite maiores

respostas diferenciadas para uma mesma finalidade proposta (Coll, Marchesi e Palacios, 2004).

*“Formação de grupos, atividades em duplas, atividades em trios, atividades em equipe. Você percebe que aquelas 3 meninas estão muito grudadas, então eu vou dividir separar, tem dia que eu posso deixar junto, mas tá misturando toda sala principalmente na sala pessoas que tem maiores diferenças, tipo assim ah esse tira sarro desse, então colocarem eles juntos pra depender um do outro”*

*“por exemplo, aula de ginástica, por exemplo, eu to passando um movimento onde você vê que a pessoa tem muita dificuldade, então você vai tá dando aquela primeira atenção geral, aí depois conforme for surgindo as dificuldades aí você vai dando atenção de forma individualizada, pra todos pra não aumentar essa exclusão e aí, dependendo assim, conforme a diferença que você for percebendo, eu por exemplo, tem 3 que não conseguem fazer aquele movimento, no caso você vai usar, vai treinar mais vezes, mas caso você vai usar aquele movimento, por exemplo, você vai colocando a pessoa pra tá fazendo uma outra coisa, simultaneamente de forma que a pessoa não se sintá...”*

*- Ah!! Só eu não sei fazer!! Por exemplo, um circuito, alguma coisa assim. Você não vai evidenciar que a pessoa não sabe fazer.*

O professor José procura sempre conversar com os alunos sobre o que foi positivo ou negativo nas aulas anteriores. Sabe-se que os alunos não aprendem somente com o professor mais também com seus pares, assim incentivando também a desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade por sua própria aprendizagem. Essas estratégias cooperativas proporcionam “efeitos positivos no rendimento acadêmico, na auto-estima, nas relações sociais e no desenvolvimento pessoal (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 295).”

*“Eu procuro observar e mudar as estratégias. Assim eu procuro chegar no aluno e vejo que eu estou meio sem saída, e ver como ele pode me ajudar naquela aula”*

*“Eu procuro fazer bem aberto a aula. E todo o início eu retomo o que nós estamos estudando. Eu retomo o que foi ponto positivo e negativo da outra aula anterior, e eles, inclusive, opinam pra procurar a ajudar. Porque esse negócio de professor só ele que sabe isso daí é conversa”*

A professora Ana comenta que utiliza de informações e pequenos textos sobre alimentação, corpo humano, às vezes cópia destes textos dentro da sala de aula, mas não é bem visto pelos alunos pois estes gostam mais de sair da sala de aula e realizar a prática.

*“Olha eu já fiz e sempre retomo, eu dou orientação pra eles na pirâmide alimentar, que eu sempre falo, mostro pra eles, né! Eu mostro pra eles ossos, os ossos pego assim, até procuro textos de acordo com a idade deles, não aprofundar, né! Mas os ossos principais, o esqueleto eu mostro como é internamente, o nome de alguns músculos principais [...]. Mesmo com textos ou só oralmente mesmo. Não dou texto pra eles copiarem, às vezes umas anotações pequenas, eu adapto bastante. Mas isso não é bem recebido não. Porque eles não vêem a hora de eu entro na sala pra eles poderem sair. Então às vezes você tem alguns que não copiam se recusam a copiar, né! Porque acham que é mais uma lição, não tem essa cultura da informação”*

Utilizar diversos recursos materiais é também importante nesse propósito, pois permite ao professor diversificar suas atividades e ampliar o nível de compreensão de seus alunos (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004).

Quando perguntados sobre se houveram estratégias pedagógicas que não atenderam as expectativas quanto a este tipo de objetivo, a maioria dos professores não quiseram ou não se lembraram de situações que foram negativas.

*“Não, acredito que não. Foi tão poucas as situações em que eu tive que trazer o aluno mais próximo de você. Porque a nossa disciplina, ela favorece do aluno estar mais próximo de você, então é isso é uma coisa que ajuda”*

*“Isso já aconteceu, mas eu não to conseguindo lembrar”*

*“Aqui no fundamental eu nunca percebi isso”*

Para a professora Ana as estratégias que foram realizadas e não atenderam as expectativas seriam as atividades propostas que eram realizadas dentro das salas de aula.

*“O que menos dá certo é o que eu já te falei é ficar dentro da sala de aula, de introduzir as informações. É o que menos dá certo”.*

Em momento anterior a professora explica porque este tipo de estratégia dentro da sala de aula não dá muito certo, pois os alunos só se interessam por atividades práticas, e estes se recusam a realizar atividades de registro ou produção de textos.

*“Mesmo com textos ou só oralmente mesmo. Não dou texto pra eles copiarem, às vezes umas anotações pequenas, eu adapto bastante. Mas isso não é bem recebido não. Porque eles não vêem a hora de eu entro na sala pra eles poderem sair. Então às vezes você tem alguns que não copiam se recusam a copiar, né!”*

Antes de tudo o professor deve estabelecer critérios “sobre o que o aluno deve aprender, como e quando aprender, que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de ensino-aprendizagem, como e quando avaliar o aluno (PCN’s, 1998, p. 33)”. Realizar atividades sem um objetivo proposto, sem uma finalidade a se atingir e ao menos saber para quê ensinar, de certa forma será um ensino desinteressante para o aluno.

Quando perguntados sobre uma melhor atuação para com alunos com necessidade educativas especiais a partir da utilização deste novo documento e nova abordagem de ensino, a maioria dos professores perceberam que foi positiva, pois o conteúdo curricular da Educação Física é bem diversificado e variado e permite tratar vários assuntos e discussões sobre o corpo, vivências motoras e o movimentar-se. Para Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.39) currículos que apresentam “características mais equilibradas, que dêem importância ao desenvolvimento social e pessoal do aluno, a avaliação seja feita considerando o seu progresso, facilita a um processo mais inclusivo”.

*“Sem dúvida, eu acho que quando a gente começou a estudar a proposta. Comecei a pesquisar alguns artigos com relação às aulas, com relação a montagem de aula, acho que isso deu um leque maior de conhecimento pra gente, pra você trabalhar um pouco mais específico um coisa, tinha uma coisa que eu não tinha conhecimento fui atrás, busquei, comecei a trabalhar esportes de outros países, que eu não conhecia, ia atrás pra poder conhecer. Então assim, acho que a proposta ela veio pra ajudar, né a você trabalhar melhor as tuas aulas”*

*“Acho que sim. Por existir atividades diversificadas, diferentes e uma forma diferenciada de trabalhar as atividades, já...que a gente já trabalhava normal, eu acho que sim, mas eu acho do bom senso do professor, porque eu acho que esse material pra incluir, pra a inclusão, eles sempre prevêem isso, o material, o bom senso o estudo, no projeto em cima de forma você fizesse todos participarem. De uma maneira igualitária. [...] É bem diversificado. Então você proporciona que mesmo aquele que é melhor no vídeo-game, tênis de mesa, não goste de correr, é obeso, usa óculos, vai conseguir se sobressair em alguma outra coisa. Eu acho que isso aí.*

*“A única coisa é que de quinta a oitava, e agora eu to de só com a quinta também é, eu já vi essa inclusão das lutas, das danças, né”*

A proposta curricular do Estado de São Paulo (Seesp, 2008) descreve que o objetivo principal da Educação Física é trazer por um variado repertório de conhecimentos, manifestações culturais e do movimento dos alunos e fazer com que possam ampliar, aprofundar e qualificar criticamente. Dessa forma, espera-se que os alunos durante toda a sua escolarização possam usufruir de diferentes conteúdos como o esporte, jogo, ginástica, lutas e atividades rítmicas e que saibam interpretar, transformar este patrimônio humano relacionado à dimensão corporal e ao movimentar-se.

O professor José complementa que este documento é somente um “norte” para os professores, pois o processo de ensino-aprendizagem é muito mais complexo.

*“É como eu falei. É bom pra dar um norte. Eu procuro seguir o caderninho do aluno, segui as atividades? Procuro, mas assim eu acho muito superficial, né! Então existe um aprofundamento feito por fora, as pesquisas não ficam restritas só aquilo que o livro sugere. Porque eu acho muito pouco. [...] Você tem que dar priorizar ênfase em alguns pontos de acordo com aquela turma surgiu alguns pontos, a oportunidade de aprofundar aquilo num bate papo, no mapeamento que você fez antes de inicial o conteúdo, então você tem que aproveitar esses “ganchos” que eles dão, e você aprofunda. Você vai falar de Copa, né! Porque esse ano tem, eles já começam a perguntar valor de jogador, você tem que aprofundar nisso daí, e por aí vai”.*

Segundo Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 39) é preciso analisar de “forma mais minuciosa os componentes do currículo e estabelecer quais elementos devem ser comuns para

todos os alunos e quais devem ser modificados para responder às demandas dos alunos com mais problemas de aprendizagem”. Já para Rodrigues, Krebs e Freitas (2005) as diferenciações curriculares devem levar em conta que os alunos são diferentes e não devem separar os alunos em determinadas categorias, procurando aproveitar e verificar o potencial educativo de cada um.

Para a professora Ana o novo documento não mudou em nada sua atuação, pois sem uma estrutura mais adequada, com recursos materiais, física e organizacional não há como uma melhor atuação docente.

*“Olha sinceramente não tem nada de novo. [...] Mas eu repito, é inviável. Como eu vou trabalhar dança aqui. Como eu vou levar um som nessa quadra, alguém pode me dizer? [...] Nossa, pra você pedir. Você tem que pedir pra não sei quem, você tem que vir com uma caixa enorme. Não tem um som, entendeu? Ai tem que fazer uma extensão de quartinho de não sei aonde, onde sei aonde. É tudo aqui, vamos dizer assim, é tudo “gambiarra”, vamos dizer assim. Então você desanima. E não tem como! Como eu vou dar dança naquele sol? Fala pra mim? O problema é que aqui é a quadra. Como eu vou ficar no pátio?”*

Quando perguntados sobre a escola se preocupar em proporcionar um ambiente escolar e que ações ela utiliza para que todos participem e interagem, as respostas foram na maioria negativas. As respostas nortearam assuntos sobre a acessibilidade e estrutura física da escola e recursos materiais, não houve comentário sobre ações pedagógicas e organizacionais que direção e coordenação possam realizar.

*“No momento eu penso que não. [...] Talvez com a reforma, ela venha a se preparar para a atividade inclusiva. Em relação a inclusão, mas no momento eu acho que não. Os acessos aqui na escola é ruim”*

*“Bom do aspecto físico, não possibilita, ou melhor não possibilitava até essa reforma da escola. Que tá fazendo rampa, por exemplo, o deficiente físico, agora uma criança de dificuldade de peso, de visão, de vista, eu acho que estaria atrapalhando. Agora esses de comportamento, hiperatividade, obesidade, eu acho que não tem problema em relação a isso”*

*“Se a escola se preocupa, não. Eu acho que não. Se preocupasse com o ambiente inclusivo, não teria essas escadas absurdas que tem por aqui. Embora eles digam que já tem tomado providências, escrevem pra, como é que fala, pra Diretoria, sei lá pra onde escrevem, mas que ninguém toma providência, eu acho que também de um modo geral...”*

Mittler (2003, p. 24) aponta que o processo de inclusão envolve numa “reforma e reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a toda a gama de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola”. Dessa forma o processo de inclusão não deve partir somente do professor, e sim por parte de todos os professores, do grupo de gestores, da comunidade escolar, entre outros.

O professor José descreve que sua escola tenta, dentro de suas possibilidades, executar ações pontuais para melhorar o processo de inclusão dos alunos.

*“Eu creio que sim. Eu creio que sim. [...] Eu não vejo falando que é contra. Inclusive nessa sala da mocinha, que eu falei que tem “ossos de vidro”, era pra ser nesse período, mas por ser um pessoal maior é... Eles deixam no período onde tem o pessoal menor e menos tumulto. [...] Mas eu vejo, por um aspecto que eles procuram. Lógico que não é perfeito. Mas existe uma preocupação, em geral, positiva para o aprendizado e conseqüentemente um andamento de todo mundo aqui.*

Um último assunto a ser comentado nas entrevistas era de que se tinha alguma lacuna ou sugestão que os professores perceberam durante o ano letivo na execução deste novo documento. Foram apresentadas várias sugestões de todos os quatro professores, como a entrega de material adicional para os professores e alunos serem executados no começo do ano letivo e não atrasada como foi realizado. O professor Paulo comentou sobre esse fato que atrasou a evolução do processo educativo.

*“A minha dificuldade com relação a proposta, bom não é minha, digo a dificuldade da proposta em si foi que ela estar chegando muito em cima, uma das questões que eu acho que talvez deveriam reavaliar, repensar, é a questão do material, né que a distribuição dele é muito atrasada”*

A professora Maria comentou sobre outro aspecto, certos assuntos abordados são muito complexos para algumas séries.

*“Porque eu acho assim na 5ª série, por exemplo, começam a falar de articulação, músculo, osso coisas assim que eu acho que no apanhado geral você pode estar trabalhando passando junto com ciências, pode estar passando isso tudo pra eles, mas tem hora, por exemplo, que eu não me lembro se era no 2º ou 3º bimestre, que vai chegar numa hora numa coisa tão profunda que nenhum aluno do Ensino Médio viu isso”*

Para o professor José alguns conteúdos abordados ficam fora do contexto se o docente não partir da realidade do aluno. Só assim o processo de ensino-aprendizagem vai ter alguma relevância quando o professor parte da realidade do aluno, trazendo sentido e significado para sua aprendizagem.

*“Eu creio que os temas, eles foram... é... eles abrangem, se você for ver, tudo relacionado a Cultura, né. Só que se for ter seguir, por exemplo, lutas na sétima série, você fica fora do contexto. [...] Fica fora da realidade deles. Então eu faço muito uma coisa que a Soraia fala no grupo dela. Você pega o tema, você tem o conteúdo, tem a proposta, daí você, através da realidade deles adapta isso, pra você poder ter sentido e significado pra eles”*

A professora Ana comenta o que se propõe na proposta curricular não condiz com a realidade da escola, pois esta carece de vários recursos, discussões e reorganizações que a escola deveria fazer para poder possibilitar uma educação de qualidade.

*“Eu acho que é isso, que eu volta na primeira questão que você me já fez sobre a proposta. Eu acho que a grande lacuna que fica é que quem redige a proposta, não que seja ruim, mas quem redige esquece de colocar as observações, por que eu acho que tem que vir em letras garrafais, dentro das possibilidades, porque uma coordenação e direção pega aquilo e eles querem que a gente faça, mas a gente não tem condições”*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito que se discutir sobre a inclusão e o Ensino Regular Público, pois há vários fatores que interferem para a realização deste processo. Dentre eles um grupo docente comprometido, uma escola como espaço de inclusão, um currículo amplo e equilibrado e ações públicas educacionais. Ainda temos muito a caminhar quando se fala em um ambiente inclusivo no Ensino Regular Público.

O estudo realizado nos permite tecer algumas considerações sobre a complexidade que envolve o referido tema. A diversidade está cada vez mais presente nas escolas, as classes apresentam-se heterogêneas, tanto no comportamento, quanto nas dificuldades de aprendizagem geral, motora, entre outras. As diferenças individuais em sala de aula revelam ao professor o quanto é complexo o processo de ensino-aprendizagem inclusivo, pois necessita de tempo, comprometimento, muita paciência e uma gama ampla de intervenções pedagógicas que proporcionem a participação e interação de todos os alunos. Se o professor não ater-se a esses fatores durante a sua docência, os resultados não serão atingidos, e conseqüentemente o processo de inclusão e o ensino de qualidade será equivocado.

Há alguns fatores que interferem no processo inclusivo dessas escolas pesquisadas, uma delas é a sua localização. São regiões muito carentes com falta de necessidades básicas de moradia, saúde e infra-estrutura, seus moradores na maioria das vezes são famílias de baixa renda que recebem ajudas do Governo. Na maioria das vezes os professores não são efetivos dessas escolas e há grande rotatividade destes, pois as escolas funcionam em quatro períodos, e aos sábados. As referidas escolas são situadas em bairros violentos e longes do centro da cidade, dessa forma há grande dificuldade em estabelecer um grupo docente permanente e por isso o processo de inclusão e ensino de qualidade fica um pouco comprometido. Em se tratando desta pesquisa, dos entrevistados somente um dos professores é novato na escola, nos outros três casos cada um tem no mínimo três anos de atuação numa mesma escola, pode-se dizer que no caso da disciplina de Educação Física os professores conhecem seus alunos, sabem que necessidades educacionais possuem e como eles interagem nas aulas.

Percebe-se que para todos os professores entrevistados o termo inclusão não é desconhecido, pois em algum momento em sua atuação docente, sua formação profissional ou formação continuada foram informados sobre este assunto. Da mesma forma podemos tratar

sobre que intervenções pedagógicas estes podem se utilizar para que haja maior participação de todos os alunos, pois estes professores têm alguns conhecimentos pedagógicos que alcancem um ambiente inclusivo. Estes professores utilizam-se algumas formas de adaptações curriculares e metodológicas como: maior atenção com os alunos com dificuldades, diferentes formas de adaptações curriculares organizativas (organização de agrupamentos, didática e espaço), comunicação entre os discentes, resgate de pontos positivos e negativos de aulas anteriores e utilização de jogos cooperativos.

Entretanto deve-se fazer ressalva destas atitudes, pois nem todos os docentes executam e tem conhecimento de todas essas intervenções. Essas ações são pontuais, isso quer dizer que cada profissional citou de um a três intervenções pedagógicas, muito pouco para um processo de ensino-aprendizagem que possibilite um ambiente inclusivo, estes professores necessitariam ter maior conhecimento de outras formas de adaptação e intervenção pedagógica.

Quanto ao comprometimento destes profissionais, todos dizem ser preocupados, entretanto encontramos um equívoco, pois numa das entrevistas um dos professores nem mesmo se preocupa em dirigir suas aulas, deixando seus alunos “à vontade” durante a aula de educação física, pode-se dizer isso porque a entrevista foi realizada durante a sua aula. Segundo este docente explica que isso ocorre pelo fato da escola não ter espaços suficientes, quadra coberta e materiais para as aulas. O outro professor que ministra na mesma escola também encontra as mesmas características que este cita em sua entrevista, entretanto ele parece ser comprometido quando nos reportamos a sua fala.

As visitas nas escolas foram feitas durante o horário do professor na escola, na maioria das vezes em momentos em que não estavam dando aula (aula vaga, recreio e entrada e saída de alunos), pode-se perceber que o que foi dito nas entrevistas era realizado nas aulas, pois o entrevistador chegava na escola um pouco antes da entrevista e poucos momentos das aulas dos professores foram observados.

Cabe também refletir sobre um maior comprometimento por parte da escola, em se tratando de coordenação e direção para dar suporte a estes professores quanto a sua atuação docente, pois em nenhum momento nenhum destes professores citaram terem tido alguma assistência pedagógica. A escola, levando-se em conta todos os sujeitos do processo educativo, deve compartilhar as mesmas ações para atingir um Ensino Inclusivo e de qualidade, se não houver sintonia entre os sujeitos o resultado não vai ser o esperado.

Outro fator a ser considerado é a falta de espaços e recursos adequados para a realização das aulas de Educação Física. Numa das escolas observadas está ocorrendo uma reforma para ampliação de salas, adequação de ambientes (construção de rampas, elevadores, dentre outros) e cobertura da quadra poliesportiva para melhor atender a comunidade. Na outra escola os espaços são reduzidos, a quadra não é coberta e há falta de materiais, além do fato de ocorrer algumas aulas de Educação Física de dois professores num mesmo horário, atrapalhando ainda mais o desenvolvimento das aulas. Um dos professores desta escola comentou que está planejado uma reforma mais não há previsão de início.

Outro aspecto a ser levando em conta é a falta de ações educacionais públicas para melhor atender uma região tão carente. O esquecimento por parte dos governantes nessa região também é visível nas escolas, pois há cerca de cinco anos estas escolas fazem “ajustes” para atender a grande quantidade de alunos oferecendo quatro períodos de aulas e também aulas aos sábados. A reforma tão esperada demorou três anos para ser realizada em uma das escolas, e enquanto isso na outra escola ainda é esperado.

Apesar das características das escolas, sua localização, a falta de estrutura física e de recursos, pode-se dizer que em se tratando de proporcionar um ambiente inclusivo nas aulas de Educação Física, o processo está sendo feito aos poucos, dentro das possibilidades que o professor pode atender. É óbvio que se professor tivesse um pouco mais de respaldo da própria escola, uma formação continuada, políticas públicas que melhorassem a situação da educação física pertinente a espaços, estrutura física e material, os resultados seriam muito diferentes.

Essas foram nossas considerações, contudo entendemos que seria muito interessante a realização de futuras pesquisas tratando desse mesmo tema, fazendo observações sistemáticas das aulas, das reuniões pedagógicas, reuniões de planejamento e visitas mais frequentes às escolas, para captar maiores informações sobre o referido tema e melhor compreensão do chamado processo de Ensino Inclusivo no Ensino Público.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares** Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 21/11/2009.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DECLARAÇÃO Mundial Sobre Educação Para Todos. Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, In: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS. Tailândia,1990. Disponível em: [http://www.unisc.br/universidade/estrutura\\_administrativa/nucleos/naac/docs/decretos/declaracao\\_jomtien\\_1990.pdf](http://www.unisc.br/universidade/estrutura_administrativa/nucleos/naac/docs/decretos/declaracao_jomtien_1990.pdf). Acesso em 02/10/2009.

FALKEMBACH, A. P.; DREXSLER, G.; WERLE, V. **Didática da Educação Física e Inclusão**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 28, n.2, p. 103-119, jan. 2007. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br>. Acesso em: 21/11/2009.

FERREIRA, M.E.C. **O enigma da inclusão: das intenções as práticas pedagógicas**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.33, n.3, p. 543-560, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n3/a11v33n3.pdf>. Acesso em 21/01/2010.

GALLARDO, J.S.P.; NEIRA, M.G. **Conhecimentos da cultura corporal de crianças não escolarizadas: a investigação como fundamento para o currículo**. Motriz, Rio Claro, v.12 n.1 p.01-08, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/view/55/37>. Acesso em 21/01/2010.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. de. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LÓPEZ OCAÑA, Antonio Ma. **Atenção a diversidade na educação de jovens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVERIA, A.A.B.de. **Metodologia Emergentes no Ensino da Educação Física**. Revista da Educação Física/UEM. 8 (1): 21-27, 1997. Disponível em: <http://periodicos.uem.br>. Acesso em: 21/11/2009.

RODRIGUES, D. **Educação e diferença: Valores e práticas para uma Educação Inclusiva**. Porto: Porto Editora, 2001.

RODRIGUES, D. **A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceptuais e metodológicas**. In: Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 1. sem. 2003. Disponível em: [www.def.uem.br](http://www.def.uem.br). Acesso em: 02/10/2009.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o ensino de Educação Física para o Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio**. São Paulo: SE, 2008

SOLER, R. **Educação física inclusiva: em busca de uma escola plural**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

STAINBACK, S; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, R.F; SEABRA Jr. L; ARAÚJO, P. F. **Educação Física Adaptada no Brasil – da História à Inclusão Educacional**. São Paulo: Phorte editora, 2008.

THOMAS, J. R.; NELSON, J.K.; **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

UNESCO. **Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca: Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 11/08/2009.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (CÓPIA PARA O PARTICIPANTE)
<p>Título da pesquisa: <b>Reflexões sobre as adaptações metodológicas nas aulas de Educação Física com vista à inclusão segundo Proposta Curricular de SP.</b>            Pesquisador responsável: <b>Prof. Halina de Freitas Cestari</b>            Orientador: <b>Prof. Dr. José Luiz Rodrigues</b></p>	<p>Título da pesquisa: <b>Reflexões sobre as adaptações metodológicas nas aulas de Educação Física com vista à inclusão segundo Proposta Curricular de SP.</b>            Pesquisador responsável: <b>Prof. Halina de Freitas Cestari</b>            Orientador: <b>Prof. Dr. José Luiz Rodrigues</b></p>
<p>Identificação do participante            Nome: _____            Data de nascimento: _____            Fone: (____) _____            Endereço: _____            Cidade: _____ UF: _____            CEP: _____</p>	<p>Identificação do participante            Nome: _____            Data de nascimento: _____            Fone: (____) _____            Endereço: _____            Cidade: _____ UF: _____            CEP: _____</p>
<p>Eu, _____, R. G. _____, voluntariamente concordo em participar do projeto de pesquisa mencionado, cujo objetivo é verificar, com base na nova proposta curricular do Estado de São Paulo, como os professores de Educação Física estão tratando em suas aulas, questões das adaptações metodológicas, levando-se em conta a inclusão de alunos com necessidades especiais. Primeiramente, serei esclarecido das condições da pesquisa, em seguida aplicar-se-á entrevista semi-estruturada, sendo que esta será gravada por meio de gravador. Os dados obtidos neste instrumento serão transcritos para melhor discussão dos mesmos. Estou ciente de que todos os procedimentos realizados não serão invasivos e não haverá riscos ou prejuízos previsíveis à minha saúde. Também me foi esclarecido que não terei qualquer tipo de despesa para que esses procedimentos sejam realizados, e que as informações obtidas a meu respeito durante o estudo, serão mantidas em total sigilo, não podendo ser consultadas sem a minha devida autorização. Essas informações, no entanto, poderão ser usadas para fins de pesquisa científica, desde que minha privacidade seja resguardada. Declaro que li e entendi este documento, concordando com as condições explanadas acima. Quaisquer dúvidas sobre os procedimentos desta pesquisa, ou sobre a finalidade da mesma, serão prontamente esclarecidas, inclusive podendo ver os documentos com os resultados, se assim eu achar necessário. Também estou ciente de que terei uma cópia deste documento e que poderei deixar de fazer parte do estudo, mesmo que já tenha iniciado e participado de alguma etapa. Esta minha decisão, apesar de poder prejudicar a pesquisa, entretanto, não resultará em prejuízo a minha pessoa.</p>	<p>Eu, _____, R. G. _____, voluntariamente concordo em participar do projeto de pesquisa mencionado, cujo objetivo é verificar, com base na nova proposta curricular do Estado de São Paulo, como os professores de Educação Física estão tratando em suas aulas, questões das adaptações metodológicas, levando-se em conta a inclusão de alunos com necessidades especiais. Primeiramente, serei esclarecido das condições da pesquisa, em seguida aplicar-se-á entrevista semi-estruturada, sendo que esta será gravada por meio de gravador. Os dados obtidos neste instrumento serão transcritos para melhor discussão dos mesmos. Estou ciente de que todos os procedimentos realizados não serão invasivos e não haverá riscos ou prejuízos previsíveis à minha saúde. Também me foi esclarecido que não terei qualquer tipo de despesa para que esses procedimentos sejam realizados, e que as informações obtidas a meu respeito durante o estudo, serão mantidas em total sigilo, não podendo ser consultadas sem a minha devida autorização. Essas informações, no entanto, poderão ser usadas para fins de pesquisa científica, desde que minha privacidade seja resguardada. Declaro que li e entendi este documento, concordando com as condições explanadas acima. Quaisquer dúvidas sobre os procedimentos desta pesquisa, ou sobre a finalidade da mesma, serão prontamente esclarecidas, inclusive podendo ver os documentos com os resultados, se assim eu achar necessário. Também estou ciente de que terei uma cópia deste documento e que poderei deixar de fazer parte do estudo, mesmo que já tenha iniciado e participado de alguma etapa. Esta minha decisão, apesar de poder prejudicar a pesquisa, entretanto, não resultará em prejuízo a minha pessoa.</p>
<p>_____ DE _____ DE 200_____</p>	<p>_____ DE _____ D200_____</p>
<p>_____ VOLUNTÁRIO (A) _____ HALINA F. CESTARI (PESQUISADOR RESPONSÁVEL)            FONE: (19) 8162-4535/ (19) 8829-1268            EMAIL: <a href="mailto:hcelestari@msn.com">hcelestari@msn.com</a></p>	<p>_____ VOLUNTÁRIO (A) _____ HALINA F. CESTARI (PESQUISADOR RESPONSÁVEL)            FONE: (19) 8162-4535/ (19) 8829-4535            EMAIL: <a href="mailto:hcelestari@msn.com">hcelestari@msn.com</a></p>

**ANEXO B****ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA**

- 1) Você conhece o termo Inclusão? Descreva com suas palavras o que você entende por inclusão.
- 2) Como você teve acesso à proposta Curricular do Estado de São Paulo? Descreva como foi o processo.
- 3) A proposta Curricular permite refletir e proporcionar um processo de inclusão na escola? De que maneira?
- 4) Você se preocupa em proporcionar um ambiente inclusivo em suas aulas? Como?
- 5) Você possui alunos com necessidades educativas especiais? Quais? (hiperativos, obesos, com dificuldades de aprendizagens, de conduta, etc). Como é a participação e a interação destes alunos em suas aulas?
- 6) Você se preocupa com a inclusão destes alunos em suas aulas? Que estratégias você utiliza para maior participação/interação destes alunos?
- 7) Algumas destas estratégias foram positivas? Algumas foram negativas? A partir destas estratégias/adaptações melhorou a participação destes alunos durante as aulas?
- 8) A proposta Curricular e os livros para o professor proporcionaram de alguma forma uma melhor atuação docente voltada para este tipo de população? De que forma?
- 9) A escola se preocupa em proporcionar um ambiente inclusivo? Como? Que ações ela utiliza?
- 10) Para você há alguma lacuna a ser preenchida no Currículo? Dê alguma sugestão.
- 11) A quanto tempo você leciona nessa mesma escola?

## ANEXO C

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 01- Professor Paulo (nome fictício)

#### RESPOSTA 01

Eu conheço esse termo inclusão... eu definiria como a oportunidade das pessoas com deficiência com dificuldades especiais, né... estarem mais envolvidas dentro da sociedade.

#### RESPOSTA 02

Eu comecei a conhecer esta proposta (pausa)...com alguns htpc que teve na escola que eu trabalhei no ano passado, através do veículo de comunicação, que estavam divulgando que iria ter a proposta nova, mas o grande momento mesmo que eu conheci a proposta foi na escola quando veio a princípio aqueles jornais que a gente, né... que a gente teve conhecimento da proposta. A gente ficou trabalhando uns 2 ou 3 meses com esse material e aí quando veio a proposta já praticamente definida foi dentro da escola nos htpcs.

#### **Teve um estudo?Foi discutido?**

Foi, foi. Tivemos vários htpcs, onde os coordenadores dispunham a proposta, a gente debatia, conversava o que iria ser viável, o que talvez não iria ser!!!

#### **De forma geral entre os professores de Educação Física, foi bom ou ruim a proposta?**

Olha!! A maioria das pessoas que eu andei conversando, de repente falando sobre a proposta, a maioria achou que foi boa, foi viável, né!! era o que estava faltando dentro do Estado uma integração entre todas as escolas, com o mesmo conteúdo, o mesmo ponto. Antigamente era assim, cada um dava o que achava que era interessante, né...e as vezes um aluno estava numa escola e saia dessa escola e ia pra uma outra que e... não sabia o que estava se ensinando, em lugar nenhum. Cada um dava seu tiro pra cada lado, você atirava naquilo que não via para acertar no que não queria, entendeu?? Mas eu achei que foi válido, né!! a proposta, e a maioria dos professores que a gente andou conversando, era isso né!! O pessoal gostou, achou interessante.

#### **E entre os alunos? O que eles acharam?**

Para os alunos eu penso que não mudou muito.

**Não?**

Não. Eu pensou assim, porque eles estavam tendo, assim, as aulas de educação física normalmente, independente do que aprendia ou que não ia. O que mudou pra eles, o que eu sentia assim, foi que abriu um leque maior de conhecimento, isso foi interessante ... porque antigamente o que se ensinava nas escolas? Handebol, basquete, futebol de salão, e vôlei, ponto, né?! Eu até, as vezes, eu me atrevia em algumas aulas, né... eu fugia um pouco desse cotidiano do esporte... e trabalhava alguma coisa de ginástica, trabalhava alguma coisa de dança, né! Eu sempre gostei de dança. Mas... no geral era isso. Você ficava preso a essas modalidades esportivas. Com a proposta Ela te dá um leque maior pra te trabalhar, e aí os alunos tem a opção, o nível de cultura deles aumenta em relação a isso.

#### RESPOSTA 03

Sim, sim, sem dúvida. A proposta né... Ela tem essa, essa...(pausa) vamos dizer assim, esse lado de você estar trabalhando como um todo, né! Não tem a questão de você trabalhar isolado ou específico, você tem que pensar num todo, então ela dá essa leque, essa amplitude para você pensar nessa questão da inclusão.

#### RESPOSTA 04

Sim, a maioria das minhas aulas eu tenho essa preocupação. Até as vezes a gente pende um pouco mais para o lado das pessoas que tem mais dificuldade, né!! De acesso ao esporte.

#### **Principalmente essa região né?**

É!

#### RESPOSTA 06

Assim, eu procuro, nesses 2 anos que estou trabalhando com a proposta, os alunos que a gente percebe que tem mais dificuldade, tanto na parte prática quanto na parte escrita, a gente dá uma atenção mais perto deles, o acompanhamento é mais próximo, você tenta trabalhar outras formas de linguagem com eles. Eu procuro nisso, né?! Eu observo algum o aluno com dificuldade a gente tenta trabalhar de uma maneira diferenciada, mas de uma maneira que ele não perceba que ele tá sendo, só ele! Eu procuro trabalhar ele num todo, com ele no grupo e aí a aula acaba sendo, vamos dizer assim, do jeito que era pra ele acaba sendo para todos. Eu penso dessa maneira!! Não dá pra trabalhar separado com o garoto, com o aluno que tem dificuldades. É assim... Vai jogar futebol!! O Deficiente lá, vamos dizer, por exemplo, o deficiente físico tem dificuldade em correr!! Então o que vamos fazer, os outros que são, digamos normais, entre aspas, vamos dizer assim, vão se adaptar ao garoto que tem

dificuldade. Nós vamos jogar bola, o gordinho tem dificuldade de correr, então a gente vai limitar.... Ninguém pode correr com a bola, né!!! Eu procuro fazer isso!!! Só aqui na escola as outras atividades, jogo que eu faço com a criança, eu procuro isso, de trazer aquela pessoa, entre aspas, se sente excluída, a gente tenta fazer a inclusão dele num todo, né!!, Não só ele isolado no grupo.

#### RESPOSTA 05

Olha eu com necessidades especiais, eu tinha um aluno na 8ª série.

#### **Ele tinha era??? Ele tinha dificuldade de aprendizagem??**

Não ele tinha dificuldade física mesmo!! Ele tinha uma deficiência física!! E tinha um outro que tinha dificuldade de aprendizado. São 2 garotos. E era assim, os dois, (pausa). Um garoto, como vou dizer assim, tinha problemas mentais mesmo, sabe de comportamento, dificuldade de raciocínio...

#### **Era um pouco mais devagar???**

Bem mais devagar. As vezes dentro da aula você tinha que ajudar bem mais de perto a ele fazer. E aí dentro da própria sala, os alunos percebiam isso que ele tinham essa dificuldade, e os alunos acabavam ajudando a desenvolver a aula em cima disso, para que ele também pudesse participar.

#### **Então não tinha preconceito? Não tinha bullying na sala? Era a próxima pergunta!! Se tinha interação entre eles??**

Não, não tinha. Era bem legal!! Inclusive .... no começo das minhas aulas ele tava um meio isolado, tinha dificuldade em descer as escadas, e aí nos últimos dias de aula trazia mais próximo para do espaço que a gente chama de quadra, hoje nesse espaço aqui!!!

(Risos)

#### **Com a reforma né???? Com a mini-quadra!!**

Consegui trazer ele para esse espaço, né!! Eu fiz a iniciação de xadrez com ele. É legal jogar com ele. Eu tentei dar uma atividade pra ele, porque nos outros bimestres fiquei sabendo ele não participava de nada. Porque ele tem que fazer alguma coisa... Independente da deficiência dele, ele tem que participar. Assim com os dois, né!! No caso, tem um garoto também que, vamos dizer assim, que tem um certo atraso alguma coisa assim, eu tentei trazer ele mais

próximo dentro do grupo para poder participar dessas atividades. Né!!!! Agora com relação a hiperatividade, vamos dizer assim, com aluno com inquieto!! Tem muito aqui na escola!! Isso tem muito....

**Não é diagnosticado!! Mas tem bastante!!!**

É... não é diagnosticado, mas tem bastante. O que eu costumo fazer, isso não é só aqui. De forma geral, eu costumo trazer esse tipo de aluno para o meu lado, raramente eu fico batendo com ele, brigando com ele, batendo de frente com eles. Quando o aluno é muito hiperativo, assim, o que é que eu faço eu joga a responsabilidade para cima dele. Então assim, é uma forma de você fazer ele se aquietar, por exemplo. Ah, já acabei... Opá acabou, então você vai fazer isso agora. Ah, eu preciso disso, então você vai fazer isso. Eu procuro dar atividades, tarefas, vamos dizer assim, delegar poderes, entre aspas, para esses meninos que eles se sentem, assim mais útil. Por exemplo tem um aluno que ele é... vamos dizer, considerado bagunceiro da classe. O que eu faço?? Em vez de brigar com ele, eu trago ele pra tomar conta da classe, é responsabilidade tua de os alunos ficarem em silêncio, os alunos colaborarem, né todo mundo estar numa harmonia, pra a gente poder fazer a aula prática.

**E eles deram uma melhoria??**

Dois alunos, assim especificamente, eu consegui fazer isso...

**De trazer a responsabilidade???**

É eu consegui trazer para o meu lado. Tanto dos garotos que eu percebi assim trazer para o meu lado, tanto até que nos últimos dias de aula, eles estavam mais próximos de mim, a gente ficou com algumas brincadeiras, né!! Começaram a procurar as coisas de brincadeiras em casa, para trazer pra falar pra mim, eu achei assim, eles quiseram se aproximar mais, eu achei que isso foi legal!!

**Então eles acabaram sendo mais participativos no final do ano??**

Sim, mais participativos. Talvez por causa ... (pausa) desse jeito meu de deixar responsabilidade dentro da sala de aula. Através de umas brincadeiras, eles sentiram um pouco responsáveis.

**Você falou de uma estratégia!! Delegar poderes! Tem alguma outra que você utiliza? Para maior participação e interação entre eles??**

(Pausa) O básico é esse, trazer eles pra dentro do grupo. Estratégia assim, a gente vai adotando, conforme vai aparecendo as situações, as necessidades, né!! Que as vezes você tem garoto que, assim ... (pausa) é comportado, educado, prestativo, participativo, aí você conduz a aula normal, aí quando você se depara com aluno nessas condições, aí você tem que criar estratégias.... Essa, por exemplo, de delega poderes, não dá certo!! Aí você tem que criar uma outra, mudar uma outra, e aí no dia-a-dia você vai trazendo ele ... (pausa) para as proximidades.

**Eu sou nova!! E cada professor tem um jeito um fala isso: - Tenta isso, daí você faz!!  
Conhece outro professor e vai trocando experiências pra melhorar!!**

Eu não sou muito de teoria, sou tenho mais a prática. Raramente quando me deparo com um caso assim, eu recorro ao livro pra poder saber o que aconteceu pra tentar trazer a solução através da teoria. Como eu já to assim, além de dou aula no Estado. No Estado eu estou a pouco tempo, mas como eu já participei bastante tempo aí no convívio social no meio do futebol. A gente tem até uma certa bagagem de lidar com os garotos nessa faixa etária. E aí cada situação você assume uma postura né!! Então não dá pra falar:

- Ah, eu falar assim. Ah! Hoje eu vou usar essa estratégia hoje, vou usar aquela amanhã, conforme a situação acontece você emprega um jeito de trabalhar de incluir o aluno.

**Alguma foi negativa? Você pensou em uma estratégia, e depois não deu certo??**

(Pausa) Não, acredito que não. Foi tão poucas as situações em que eu tive que trazer o aluno mais próximo de você. Porque a nossa disciplina, ela favorece do aluno estar mais próximo de você, então é isso é uma coisa que ajuda.

**Eu, por exemplo, nas danças (festa da escola), teve uma série lá, na hora de ensaiar, a roupa pra dançar tinha que tirar a camiseta... era um gordinho e ele veio dançar?? Não veio... Aí depois que “caiu a ficha” Nossa que “coisa que eu fiz”... Ele não participou pq, ele não queria tirar a camiseta.**

Eu uso muito isso. Quer dizer, eu jamais eu permito que os alunos se exponham em relação ao seu corpo físico. Tanto a menina que é cheia de querer levantar a camiseta, de mostrar a barriguinha, eu já corto na hora. Menino as vezes quer jogar bola sem camiseta, eu Não. Ninguém tira. Se precisa diversificar pra jogar, eu uso o colete. Ah, - Mas só o colete pode? Eu falo não! Tem que usar por cima da roupa, e é assim, as vezes a gente comete gafes, né!! Talvez a gente não está preparado ainda para a questão da inclusão.

**A gente percebe depois que a gente fez!! Eu não pensei que aconteceria isso!! Eu lembro que ele tava ensaiando muito bem, e na hora ele não veio!! E o irmão dele e ele veio na festa, o irmão (é magrinho) e dançou e ele (gordinho) não dançou!! Daí eu vi ele depois e perguntei vc não quis dançar?? Não .. professora.. Daí você vê na cara dele, que ele não dançou porque ele não queria tirar a camiseta.**

O que a gente percebe quando erra, por exemplo, quando a gente vai montar times, montar grupos pra jogar, e a gente deixa uns 3/4 pra montar times, que são os melhorzinhos da classe a escolher, aí sempre os mais “fraquinhos” acabem ficando pra trás. Eu já tenho uma estratégia diferente. Hoje quem tira o time é fulano, sempre a maioria, os mais “fraquinhos”. Assim fazer jogo, sai um entra outro, saiu um entra outro. Eu sempre coordeno, nunca deixo o “bonzinho” tirar o “ruinzinho”. O que joga melhor ele sempre tira o que joga mal. Então eu sempre coloco, assim, quem fica de fora na primeira vez, ele não pode estar mais de fora. Sempre eles vão revesar, e aquele que ficou na primeira vez não vão sair mais. Vão ter que trocar entre si. É uma estratégia que eu uso, assim de deixar o “ruinzinho”, aquele que tem menos destreza, que não joga tão bem quanto os outros, pra ele não ficar excluído. Porque se você deixar só joga quem sabe jogar. E a proposta aqui na escola não é essa. É todo mundo jogar, mas sempre tem aquele preconceito daquele que é “ruinzinho”.

**Ah, é?? Acontece?? Eu vejo assim. Eu dou aula de 1ª a 4ª séries, é assim... Tanto durante a aula, os mais habilidosos sempre pedem ...Ah eu começo!! Eu começo primeiro!! Eu não.. Falo que todo mundo tem a sua vez, tem hora pra todo mundo!!**

Isso acontece!! Principalmente nas aulas práticas, quando a gente trabalha a aula prática. Por exemplo, você tem que montar um time, e não dá 3 times, por exemplo, dá 2 times, ou então dá 3 times, então vai jogar 2 times, e 1 vai ficar de fora, né! Aí, o que ganha fica, então sempre o time que está mais forte, vai sempre ficar. O que eu faço, não jogou 2 vezes seguida, sai e passa para da chance para o outro, ganhando ou perdendo. Essa é uma estratégia que eu uso, eles não gostam muito.

– Ah, Mas eu ganhei!! – Ótimo!! Agora você descansa e dá a chance para o outro. – Ah, mas não é quem ganha fica??? – Não!! Depois de 2 seguidas sai para dar chance para o outro. Eu sempre trabalho nessa forma, nessa ótica. De nunca deixar só o melhor jogando, deixar participar todo mundo. Em qualquer modalidade.

**E essas estratégias pra eles eram novas? Melhorou a participação??**

Aqui eu percebi que era novo. Quando eu cheguei aqui. Que eu fiz a primeira vez, que eu fiz isso – Ah, não quando a gente sempre joga, quem ganha fica! Pode ser com você aqui, mas em outros lugares como outras escolas, outros clubes, em que trabalhei eu faço assim e nunca ninguém questiona. Porque o pessoal entende também que é o melhor. Aí, eu comecei a conversar com eles, eu expus minha vida pra eles, né!! Porque aqui, eu não sei, ninguém me conhecia, e nas outras escolas, já tinham falado escutar de mim, que eu venho do futebol, clubes que já joguei, que já trabalhei. Então, assim, o pessoal sabia daonde eu vinha, então tinha um respeito maior, aí depois que eu já comecei a falar que eu já tinha jogado futebol, que eu já trabalhei em grandes clubes de futebol, aí e o pessoal já começou a dar uma brecha maior pra mim. Comecei a trabalhar um pouco mais do meu jeito. E nessa linha de montar equipes onde a inclusão é maior, a exclusão é maior eu tento incluir dessa maneira, joga todo mundo com todo mundo. O “ruinzinho” joga com o “bonzinho”, e não tem a diferença, todo mundo é igual.

#### RESPOSTA 08

Sem dúvida, eu acho que quando a gente começou a estudar a proposta. Comecei a pesquisar alguns artigos com relação às aulas, com relação a montagem de aula, acho que isso deu um leque maior de conhecimento pra gente, pra você trabalhar um pouco mais específico um coisa, tinha uma coisa que eu não tinha conhecimento fui atrás, busquei, comecei a trabalhar esportes de outros países, que eu não conhecia, ia atrás pra poder conhecer. Então assim, acho que a proposta ela veio pra ajudar, né a você trabalhar melhor as tuas aulas.

#### **Você acha que a proposta se preocupou na hora de poder expressar o conteúdo, com o processo de inclusão?**

Num todo eu penso que não. Não fala explicitamente. Assim, se você falar:

- Ah!! Tem uma coisa específica falando da inclusão? Não, não fala especificamente, mas nas entrelinhas o jeito que a gente já vem pensando a sociedade, né! Eu acho que a proposta se encaixa perfeitamente pra essas pessoas que tem, entre aspas, as pessoas que tem aí a exclusão. A proposta ela vem fazer com que você faça a inclusão. Por exemplo, vai trabalhar dança, a pessoa... entre aspas, o gordinho, e o deficiente físico não vai conseguir dançar, que tem dificuldade, mas só vai trabalhar a parte prática, a dança? Não... A gente trabalha a parte visual, qual que é? Através de um vídeo, através de um, vamos dizer assim, de uma exposição dentro da sala, fotos... essas coisas. Ele vai ter um contato com dança através do visual.

**Não só a prática!!!**

Não só a prática, por que antigamente você tinha a prática e a prática. A prática pela prática, e hoje não... você tem a prática, mas você tem os conteúdos. Você vai trabalhar ginástica, tem exposição de vídeos, exposição de fotos, tem a prática, assim você abre o leque, de alguma maneira ele vai estar participando.

#### RESPOSTA 09

No momento eu penso que não!

#### **E com a reforma?**

Talvez com a reforma, ela venha a se preparar para a atividade inclusiva. Em relação a inclusão, mas no momento eu acho que não. Os acessos aqui na escola é ruim.

#### **É verdade! Aqui é totalmente estranho!! Não tem rampa!! Só escada!!**

Hoje a escola, eu vejo que ela não tá preparada pra a inclusão. Mas com a reforma que está tendo, eu penso que muito dessas escadarias, vai dar uma melhorada.

#### **Vai até ter elevador!!**

Sim, com as construções novas, projeto novo de sala de aula, já são pensadas, vamos dizer assim, nos cadeirantes... nas pessoas com deficiência.

#### RESPOSTA 10

A minha dificuldade com relação a proposta, bom não é minha, digo a dificuldade da proposta em si foi que ela estar chegando muito em cima, uma das questões que eu acho que talvez deveriam reavaliar, repensar, é a questão do material, né que a distribuição dele é muito atrasada.

#### **Dos caderninhos dos alunos??!**

Dos caderninhos do aluno, eu acho com relação ao aluno, até por que se você pudesse voltar [...] a proposta .... ..... de um aluno ele tem que ter aquele material, só que o material não chega no tempo certo. Então por exemplo, esse ano já devia estar chegando para o ano que vem. Agora o ano que vem chega, mas vai chegar em março, abril, assim e você já trabalhou ... Então assim, talvez como é a proposta, já se sabe que cada bimestre tem um específico, né. Eu acho que já daria no começo do ano, mesmo sem o próprio material você trabalhar o que você trabalhou o ano passado, no ano anterior.

**Bom eu não sei!! Eu não recebi esse ano o livrinho!! Não tô de 5ª a 8ª séries, só de 1ª a 4ª séries!! Só do tenho do ano passado, acho que não mudou de 2008 para 2009!!**

Não .... não mudou muita coisa.

**Só tipo o layout! Essas coisas né?!!**

Mudou fotos . Eu digo isso, não seria você chegar o material chegar... O material não chegou, o professor teria que dar sequência. Porque esse ano eu trabalhei esse ano em 4 escolas, tinha escola que eu tava no caderno 03, tinha escola que eu ia e tinha professor que tava no Caderno 02, tinha escola que nem tinha chego o Caderno 03 ainda!!

**Nossa!!**

Então assim!!! Se é uma coisa que tem você que implantar..e seguir uma norma, isso aí eles tinham que rever!! A primeira coisa é rever a questão da distribuição, primeiro ponto, até porque senão..., por exemplo estamos trabalhando o 4º bimestre, eu tava no Volume 03, tem escolha onde eu to tá trabalhando volume 02, teve escola que não tinha nada, e começou pelo quarto, pelo primeiro...Então ai, vira do jeito que tava antigamente!! Então não, o meu questionamento é, com relação a proposta é, já que eles pensaram numa proposta unificada, a distribuição deve acontecer adequada também. Pra que você comece o ano letivo, zerando, começando desde o início. Agora com relação a conteúdo?

**Não tem uma coisa que você pesquisou, e não tem!!! Ou então que você percebeu???**

Não... Olha, de tudo que tava nas propostas, né tá bem abrangente!! Pela proposta eles tratam a questão do... do esporte praticado em outros países, a abrangência grande de pessoas... né com relação a dança... Eu achei que eles deram de forma muito grande, porque tinha um preconceito muito grande, também dentro da educação física... então os professores não passavam para os alunos dança...por questão de...(pausa),vamos dizer assim, não digo de ser machismo, alguns alunos não queriam participar de dança!! Isso a proposta trouxe aí e é legal!! Agora talvez em alguns esportes, eu penso assim, a proposta não pode trazer um esporte que é popular certo país e a gente não tem acesso a praticar ele aqui, nem que fosse de brincadeira.

E a gente tem esporte que praticado em outros países, talvez a gente teria mais acessibilidade nesses esportes, por exemplo, beisebol... é um esporte difícil de praticar, difícil de aprender as regrar, e outra coisa ... a gente não tem quadra pra fazer isso. Badminton, é um esporte bem praticado, né, mas a gente não tem conhecimento desse esporte pra poder passar pra os

alunos, e é fácil!! Através de uma redinha, através de uma raquete, das bolinhas, das petequinhas, é um esporte que se envolveria mais dentro dessa escola até mesmo o acesso que você tem no local de prática, né!! Agora o beisebol não dá pra adaptar, se você não tiver um espaço onde ele tem que correr nas bases, é mais difícil!! Por exemplo, o futebol americano!

**O futebol americano é difícil, até agora eu não sei !!**

O futebol americano é bem difícil de se jogar, não dá pra você, por exemplo, a gente não tem bola, os materiais adequados, como a gente vai falar sobre futebol americano se você não tem uma bola oval pra passar pra os alunos. Isso você tem dificuldade!! Beisebol, por exemplo, o taco você não tem bola específica, você não tem luva específica, né isso tudo o aluno tem que ter o conhecimento, já que a proposta é passar pra eles, pelo menos um exemplar de amostra tem que ter contato, pra o aluno poder ter o contato. Você já teve contato?

**A bola do beisebol não, mas a bola do futebol americano sim, eu já conheço!! Uma aluna de manhã, tem ela uma bola, o pai trabalha na Decathlon, uma coisa assim, e ela trouxe pra mim pra eu poder ver!! Daí eu falei assim trás pra eu poder ver, pra mostrar para os alunos. Mas eu nem cheguei usar, porque a bola não é nem minha, da menina, se fosse minha a bola eu até usava, mas eu acho que fiz uma aula com habilidades óculo-manual, acho que foi alerta, não lembro... ela trouxe a bola e só mostrei a bola, e mostrei as várias bolas que tinham aqui pra se trabalhar, e tinha essa bola diferente, e sabe como são as crianças, - Deixa eu ver!!! Mexeu, mexeu dali, mas eu não usei não!! Mostrei como ela é, como se lança, mas não cheguei a trabalhar não!! Mas é sorte minha da aula ter essa bola. Eu nem sei aonde tem pra comprar essa bola??**

Qualquer loja de esporte a gente tem acesso! Mas é assim... você professor ficar montando o teu acervo, aonde você iria guardar isso??

**E com que dinheiro eu vou comprar isso??**

É precisa de dinheiro. Mas as escolas deveriam ter, por exemplo, um taco de beisebol, eu acho super diferente!! Eu acho legal assim, agora como eles estão pensando na proposta. Eu penso de daqui uns 5, 10 anos que essa proposta ela venha... for mantida ai!! Eu acho que cada escola vai começar a ter os seus apetrechos ai para você trabalhar dessa maneira. Pelo menos na visualização, o tato com o material.

RESPOSTA 11

Eu sou novo nessa escola, é meu primeiro ano.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 02 – Prof. Maria (Nome Fictício)

## RESPOSTA 01

Conheço. Eu acho que é ... (pausa) a própria palavra já tá dizendo, incluindo né, uma pessoa que estaria sendo excluída. Você estaria colocando no meio alguém que, ou por ele mesmo ou pelo grupo, ou ele se sente excluído ou ele está sendo excluído pelo grupo. Você estaria colocando ele no meio pra participar...

## RESPOSTA 02

Hummm... Começou em 2008 e eu sou professora desde 2002, no Estado, e na escola que eu trabalho... foi no 1º bimestre teve o jornalzinho, antes do currículo que já era uma das propostas, né!. Já era uma das propostas de tá mudando o currículo do Estado, depois apareceram os livrinhos, os livrinhos apareceram... que é aquele livro geral da proposta curricular, foi entregue pelo coordenador e foi discutido no geral, não foi discutido por áreas específicas, e eu por minha conta mesmo li, estudei e trabalhei dentro da sala de aula o conteúdo dos currículos.

## RESPOSTA 03

Permite. Muito. É que são atividades diferenciadas... é... atividades diferenciadas e diferentes. Então assim, atividades diferentes das que os alunos estão acostumados a fazer sempre. O que isso vai fazer? Você vai proporcionar que todos sempre tenham que aprender.

**Todos possam fazer???**

Todos possam fazer. E aquela atividade que seria diferente que seria a nova. Então por exemplo, é... futebol americano, então assim, vão ter aqueles alunos que tem mais habilidades mas como nenhum deles sabem... você vai estar dando a oportunidade de todos, pelo menos no início de todos participarem.

## RESPOSTA 04

Me preocupo.

**Como assim? Durante a aula o que você faz normalmente??**

Bom até mesmo antes de eu trabalhar a proposta, né! Que era a aula mesmo que o professor fazia planejamento de acordo com planejamento anual... de acordo com o coordenador, com os outros professores da área. Eu mesma já colocava é... no 1º bimestre um esporte que não

fosse o futebol, que é o esporte que eu acho que faz mais diferença, que proporciona maior exclusão. Então eu começava com um outro esporte, por exemplo o handebol, aí primeiro eu fazia um é... exercícios que fossem mais recreativos, como por exemplo, a queimada, de forma que todos participassem.

### **Tipo jogos pré-desportivos!! Não é o próprio esporte!!**

Tipo uma forma de dar uma introdução. Jogos pré-desportivos que todos estariam participando depois eu parava e começava a passar os fundamentos técnicos, então eu fazia de forma que todos, mesmo aquele que não querem, que não gostam, ...

- Não gente vamos treinar! Vamos fazer o passe, vai você com uma pessoa diferente e aí vai trocando e todos participavam. Aí todos participavam. Aí quando entrava no jogo propriamente dito, aí aqueles que tinham maior dificuldade eles iam querendo sair da atividade, mas, por exemplo, fazia aquele... até mesmo aquela exclusão em relação ao sexo, menino e menina, aí fazia assim por exemplo tem que dar 10 passes antes de arremessar o gol e no meio desses 10 passes 2 tem que ser feito na mão das meninas.

### **Ah! Já entendi, eu conheço essa maneira!**

Então assim, eu dava atividades de forma que tinham algumas regras que obrigassem a todos estarem participando.

### **Interagi entre eles também?**

Isso. Interagi entre eles. Eu fazia de uma forma que um precisasse do outro.

### **Que é uma forma de exclusão!!!**

Assim um cooperar com o outro. A menina não pegasse na bola e não se envolvesse [...]Tipo ... que todos participassem... As vezes ela que tinha que arremessar no gol, aí o time não ia fazer o gol, aí o que acontece. Isso vai vendo a necessidade de um precisar do outro.

### **Tem alguma outra que você lembra-se de cabeça?**

Humm... Por exemplo, se uma atividade, por exemplo, diferente de esporte coletivo, por exemplo, aula de ginástica, por exemplo, eu to passando um movimento onde você vê que a pessoa tem muita dificuldade, então você vai tá dando aquela primeira atenção geral, aí depois conforme for surgindo as dificuldades aí você vai dando atenção de forma individualizada,

pra todos pra não aumentar essa exclusão e aí, dependendo assim, conforme a diferença que você for percebendo, eu por exemplo, tem 3 que não conseguem fazer aquele movimento, no caso você vai usar, vai treinar mais vezes, mas caso você vai usar aquele movimento, por exemplo, você vai colocando a pessoa pra tá fazendo uma outra coisa, simultaneamente de forma que a pessoa não se sintam...

- Ah!! Só eu não sei fazer!! Por exemplo, um circuito, alguma coisa assim. Você não vai evidenciar que a pessoa não sabe fazer.

## RESPOSTA 05

Acho que médio...

### **Como assim médio??**

Um número médio.

### **Quais você lembra que tinha alguma dificuldade??**

No caso o maior problema que mais tive era o de comportamento.

### **E como era a participação e interação desses alunos nas aulas?**

Atrapalhavam muito, então você tinha que ter um jogo de cintura, pra você conseguir controlar eles, e assim de comportamento e de hiperativo...

### **É os dois!!**

É então... Você tinha que tá arrumando, por exemplo o aluno hiperativo, é de ser ajudante, entendeu? Dar responsabilidade pra ele pra estar ocupando ele, por exemplo, ele que vai estar levando a bola, não sempre, Pra isso não virar uma coisa positiva, né, por exemplo ele que leva a bola, ele que vai organizar a fila, ele que me ajuda a distribuir, com o propósito de estar ocupando ele pra ele não estar usando essa hiperatividade, esse comportamento ruim, pra não atrapalhar a atividade. Mas no último caso ter que entrar com uma intervenção mais severa, agora você vai... conversa tem o diálogo e tudo, daí em último caso a não participação. É a exclusão mesmo né! Dependendo do caso, dependendo do que ele fizer... digo num caso extremo de um bater no outro aluno. Apesar de você estar proporcionando a exclusão você está educando!

### **Ele tá na escola e tem regras e tem limites a se seguir!!**

**E entre eles tinha, por exemplo, assim o preconceito ou chacota entre eles?**

Tinha, independente da faixa etária, né!

**Tanto pra Ensino médio quanto pra o ciclo I?**

Por exemplo, no ciclo II tem muito, é a própria exclusão dentro a sala de aula mesmo ou entre os alunos, entre eles mesmos se excluem, porque eles não sabem respeitar a diversidade, as diferenças, você é loiro eu sou moreno, eu sou branca você é negro, então ele mesmo vão criando a própria exclusão a partir daí das características físicas ou então as dificuldades de aprendizagem, dificuldade motora, hipertatividade, então entre eles mesmos já tinha.

RESPOSTA 06

Formação de grupos, atividades em duplas, atividades em trios, atividades em equipe. Você percebe que aquelas 3 meninas estão muito grudadas, então eu vou dividir separar, tem dia que eu posso deixar junto, mas tá misturando toda sala principalmente na sala pessoas que tem maiores diferenças, tipo assim ah esse tira sarro desse, então colocarem eles juntos pra depender um do outro.

**Até pelo fato de pode conhecer o outro, as vezes eles fazem isso porque não conhece o outro, né? Por o outro ser diferente! E tem alguma que você fez e sentiu alguma que era negativa?**

Isso já aconteceu, mas eu não to conseguindo lembrar!!

RESPOSTA 07

Melhorou.

RESPOSTA 08

Acho que sim. Por existir atividades diversificadas, diferentes e uma forma diferenciada de trabalhar as atividades, já... que a gente já trabalhava normal, eu acho que sim, mas eu acho do bom senso do professor, porque eu acho que esse material pra incluir, pra a inclusão, eles sempre prevê isso, o material, o bom senso o estudo, no projeto em cima de forma você fizesse todos participarem. De uma maneira igualitária.

**Independente de essa proposta vir agora, ou antes?**

É. Eu acho que a mesma coisa acontece. Exatamente, no caso dessas as atividades que eles estão montando, com uma parcela em cima disso. Um dos objetivos é isso, da proposta, eu acho. Porque tem muitos jogos que a participação não é físicos, por exemplo, botão.

**É bem diversificado!!**

É bem diversificado. Então você proporciona que mesmo aquele que é melhor no vídeo-game, tênis de mesa, não goste de correr, é obeso, usa óculos, vai conseguir se sobressair em alguma outra coisa. Eu acho que isso aí.

RESPOSTA 09

Eu acho que... (pausa) depende a atuação do professor.

**De todos os aspectos!! Tanto do aspecto físico, de coordenação, etc.**

Bom do aspecto físico, não possibilita, ou melhor não possibilitava até essa reforma da escola. Que tá fazendo rampa, por exemplo, o deficiente físico, agora uma criança de dificuldade de peso, de visão, de vista, eu acho que estaria atrapalhando. Agora esses de comportamento, hiperatividade, obesidade, eu acho que não tem problema em relação a isso. Acho que a direção é participativa, mas não sei que qual forma?

**Se no caso, se a direção, a coordenação proporciona para o professor, um ambiente que todos participem!!!**

Eu acho que sim!!

**É?**

Pelo menos no Htpc, do ciclo II, eles falavam muito disso, assim tal aluno tem dificuldade de aprendizagem, então você vai ter que se virar, você vai ter que dar um jeito de ele estar acompanhando as aulas. E se isso não acontecer é problema do seu desempenho e não dele. (pausa). Então acho assim que é... (pausa) a cobrança existe, existiu, entendeu e o material tava lá, os textos e os trabalhos eram dados no Htpc, e era falado assim, eu não sei como. Tá aqui todo o material, mas eu não sei como você vai atuar, mas você vai ter que fazer esse aluno a participar.

RESPOSTA 10

Eu achei o material excelente, eu li todos os bimestres de 2008, e de 2009, até para as provas. Né, eu achei assim coisas muito legais, assim é, eu acho que tem um pouco de viagem, porque?

**Pode falar sobre isso!!**

Porque eu acho assim na 5ª série, por exemplo, começam a falar de articulação, músculo, osso coisas assim que eu acho que no apanhado geral você pode estar trabalhando passando junto com ciências, pode estar passando isso tudo pra eles, mas tem hora, por exemplo, que eu não me lembro se era no 2º ou 3º bimestre, que vai chegar numa hora numa coisa tão profunda que nenhum aluno do Ensino Médio viu isso. Talvez esse aluno do Ensino Médio, se começasse a trabalhar assim desde a 5ª série. Aparelho locomotor, nervo, eu achei muito complexo pra 5ª série. Mas assim, no geral, de uma maneira geral a intenção é a melhor, entendeu? O objetivo do currículo é assim tirar essa visão de que a Educação Física só é futebol, ou só é vôlei, ou só a parte prática, tá assim conscientizando os alunos sobre saúde, alimentação, doenças, uma parte... uma visão geral mesmo de corpo, de consciência corporal, de respiração, então assim, eu acho assim extremamente válido, assim, eu acho que tem que saber trabalhar de forma que você fazer com que os alunos tenham interesse também, por que afinal de contas, já existe pré-definido o que é a Educação Física na cabeça dos alunos, eu acho que vai levar algum tempo, pelo menos assim uns 5 anos, pra que os alunos que estão na 1ª série hoje, aceitem que a Educação Física... a cara nova da Educação Física é essa.

**RESPOSTA 11**

Eu leciono nessa escola desde 2002, há 7 anos.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 03 – Prof. José (Nome Fictício)

## RESPOSTA 01

Conheço. Eu creio que inclusão é você poder possibilitar um máximo de condição possível para que todos possam estar inseridos, dentro do que você vai trabalhar, dentro do contexto, do que você está propondo ali naquele momento.

## RESPOSTA 02

Teve 2 dias que a direção da escola e a supervisão, vieram para a escola, daí teve a divulgação, teve o vídeo do Estado. Foram 2 dias, eu me lembro. Foi em 2008, foi assim que eles entregaram, daí o material também, que fizeram a divulgação da Proposta.

**Teve discussão entre os professores? Ou por área ou de forma geral?**

Olha... Eu não vou dizer que foi uma discussão aprofundada, nós olhamos o material, mas assim não teve opinamento ainda porque, nós recebemos o jornal primeiro, e foi passado o material novo, sem aquele tempo de você estudar o material novo antes, né! Foi dado e depois começava a trabalhar, então a gente foi estudando no decorrer do percurso mesmo.

## RESPOSTA 03

Olha... Eu gostei da proposta, tá. Eu procuro é verificar os temas. Vou dar um exemplo aqui, lutas. A sétima série falava pra ensinar o caratê, só que eu faço um pouco diferente, eu olho o tema, aí eu vou com a sala mostro o tema, faço um mapeamento né! Um reconhecimento do que eles conhecem de luta, a partir daí nós definimos primeiro as lutas simples, luta de braço, cabo de guerra, as lutas simples, o canguruzinho, para depois partir para lutas um pouco mais complexas, sumo, né! Nós fizemos ano passado, sumo e um pouco de judô, usamos roupão de banho, e colchonete que tem na escola. Mas assim, partindo sempre do contexto da realidade deles, porque fica sem sentido nenhum, né!

## RESPOSTA 04

Sim.

**Você trabalha? O que você se utiliza? Varia algo? Diversifica? Isso tanto na sala quanto na prática!**

Na sala de aula eu procuro usar o menos tempo possível cópia em lousa, não gosto muito de cópia de lousa, eu tenho vários textos artigos de jornal, vai dando proximidade do início do

conteúdo, da internet eu trago muita coisa para sétima e oitava séries, principalmente, muita coisa de jornal a respeito de atletismo, a respeito de Copa que vai ter agora, lutas, a parte de rítmica, né! Que são as danças, a capoeira. Em sala eu procuro fazer muito isso, trabalhar individualmente, em grupo, né, pesquisas. E na parte prática? O ano passado foi bem legal, você pega, por exemplo, capoeira, eu não tinha o conhecimento muito profundo de capoeira, mas tinha alguns alunos que vieram e me ajudaram, então eles falavam assim:

\_ Oh professor, tal golpe se você usar a defesa assim não vai dar certo. Até porque a gente ver o vídeo é uma coisa e ver o pessoal que já pratica a algum tempo é outra. Né! Eu procuro diversificar o máximo possível, por exemplo, hoje a aula que você viu lá era jogos de perseguir e pegar, então começou com o pega-pega simples, gelinho, eles que foram falando.

### **Da forma que a gente aprendeu com o curso com o Robertão!**

Exatamente. Nós fizemos 10 (dez) pegadas bem simples, né. E depois eu fui apresentando as bolas, duplas, aumentando a complexidade, saíram falando que foi difícil, mas foi legal. Então procurar isso aí, dentro de um mesmo assunto variar um máximo possível de vivência para ter o máximo de também de reflexão, né! Porque eles querem atividade de classe e de sala também. E pra casa. Tem muito isso ai também, mesmo fora o caderno do aluno, tem essa parte também.

### **RESPOSTA 05**

Tenho. Sempre tem. Eu procuro dar oportunidade... (pausa e troca de lugar, pois era entrada de alunos para um próximo período e os alunos fizeram muito barulho na sala de aula).

Então você perguntou dos alunos hiperativos, “gordinhos”?

### **Isso! Você tem esses alunos, e como é a participação e interação deles? E entre eles?**

Olha os “gordinhos” ficam mais envergonhados e os “hiperativos” realmente querem aparecer um pouco mais, eu procuro sempre, dar bastante oportunidade de variar bastante as atividades. Se você for pegar uma atividade que envolva um pouco mais de velocidade, o gordinho vai ter um pouco mais de dificuldade, né! Mas numa outra atividade, no caso lutas, ele já tem alguma vantagem. Inclusive no ano passado, no sumo teve uma menina que ninguém, sétima série, venceu essa menina. Então foi assim um momento que ela... Ela se sentiu realmente ali incluída, se sentiu feliz, e aqui entra a reflexão, né! Para você ver, porque ela vivenciou os dois extremos, né! E o hiperativo? Procurar vivenciar também, você permitir que ele se expresse desde que não atrapalhe também, porque senão é... Se a pessoa quiser

falar só por falar pra chamar atenção, aí acaba perdendo o foco do que você tá querendo. Mas no geral, é deixa participar também, deixar expor idéias, para a pessoa sentir que o que ela fala é importante também.

**Ah!! E como é a participação deles? No começo e no final do ano?**

Eles ficam mais envergonhados e depois vão se soltando.

RESPOSTA 06

Sim.Oh! Eu procuro observar e mudar as estratégias. Assim eu procuro chegar no aluno e vejo que eu estou meio sem saída, e ver como ele pode me ajudar naquela aula, por agora na sexta série, eu não tive aula ainda, tem uma menininha que tem aqueles “ossos de vidro”, cadeira de rodas... Então eu fiquei a semana inteira lá em casa pensando como eu faria, porque no começo da proposta é a atletismo, eu fiquei imaginando né! Porque em sala, me falaram que ela é muito participativa e inteligente, agora e lá fora?

**É complicado!**

Se ninguém pode encostar nela, o que eu vou montar de estratégia para que ela possa também participar, ela não pode participar correndo, mas ela pode participar de outra forma, e eu até pensei em conversar com ela e perguntar. Como ela pode me ajudar? Como ela pode participar? Se sentir ali dentro daquele contexto, porque se ela ficar na arquibancada, acaba não tendo proveito né! Muito grande.

**Acaba sendo observador, e não participativo.**

Exatamente.

**Teve alguma que foi negativa? Você planejou e acabou que não deu certo?**

Aula que não deu certo?

Isso.

Tem, tem.

**Eu por exemplo, numas das festas na minha escola o ano passado o tema era Amazônia, daí na dança a roupa pra ser usada era sem camiseta, e tinha um gordinho que não dançou no dia porque tinha que tirar a camiseta. Ele ensaiou bonitinho, ele gostava de dançar, mas no dia mesmo ele não apareceu!**

Aqui no fundamental eu nunca percebi isso. De vergonha, mas já aconteceu isso lá comigo em Itu, de primeira a quarta séries, relacionada à dança também. Era um menino, e nós íamos fazer a apresentação de uma dança circular, numa festa que teve na escola, uma festa como se fosse das Nações. E o menino não foi porque ele tinha que, em algum momento, segurar na mão da menina. Mas acontece de você montar uma estratégia e não der certo. Mas a gente aprende com os erros.

#### RESPOSTA 07

Com certeza. Eu procuro fazer bem aberto a aula. E todo o início eu retomo o que nós estamos estudando. Eu retomo o que foi ponto positivo e negativo da outra aula anterior, e eles, inclusive, opinam pra procurar a ajudar. Porque esse negócio de professor só ele que sabe isso daí é conversa. Então, eu aprendo muito mais com eles, ainda mais que a realidade deles é diferente da que eu foi criado, é uma realidade diferente da que eu trabalho em Itu, né então através dessa reflexão, desse bate papo que a gente tem, no início de todas as aulas eles me ajudam, a direcionar as estratégias novas.

\_ Oh! Professor, isso aqui não deu certo, mas se fizesse assim pode ser que daria, né! E como vem deles a participação é muito mais...

\_ Como eu ajudei a criar um negócio, se o negócio que não tá bom! Então eu tive uma parcela também. Existe um comprometimento maior.

#### RESPOSTA 8

É como eu falei. É bom pra dar um norte. Eu procuro seguir o caderninho do aluno, segui as atividades? Procuro, mas assim eu acho muito superficial, né! Então existe um aprofundamento feito por fora, as pesquisas não ficam restritas só aquilo que o livro sugere. Porque eu acho muito pouco.

**Tem tanto coisa pra ver!**

É tem tanta coisa.

**E num ano letivo não dá tempo, né?**

Exatamente. Você tem que dar priorizar ênfase em alguns pontos de acordo com aquela turma surgiu alguns pontos, a oportunidade de aprofundar aquilo num bate papo, no mapeamento que você fez antes de inicial o conteúdo, então você tem que aproveitar esses “ganchos” que

eles dão, e você aprofunda. Você vai falar de Copa, né! Porque esse ano tem, eles já começam a perguntar valor de jogador, você tem que aprofundar nisso daí, e por aí vai!

#### RESPOSTA 09

Eu creio que sim. Eu creio que sim.

#### **Tanto físico quando por parte dos professores, coordenação e direção!**

Eu não vejo falando que é contra. Inclusive nessa sala da mocinha, que eu falei que tem “ossos de vidro”, era pra ser nesse período, mas por ser um pessoal maior é... Eles deixam no período onde tem o pessoal menor e menos tumulto.

#### **Ah tá! Tem menos empurra-empurra!**

Exatamente. Mas eu vejo, por um aspecto que eles procuram. Lógico que não é perfeito. Mas existe uma preocupação, em geral, positiva para o aprendizado e conseqüentemente um andamento de todo mundo aqui.

#### RESPOSTA 10

Eu creio que os temas, eles foram... é... eles abrangem, se você for ver, tudo relacionado a Cultura, né. Só que se for ter seguir, por exemplo, lutas na sétima série, você fica fora do contexto.

#### **Se for seguir a risca, né?!!**

Sim. Fica fora da realidade deles. Então eu faço muito uma coisa que a Soraia fala no grupo dela. Você pega o tema, você tem o conteúdo, tem a proposta, daí você, através da realidade deles adapta isso, pra você poder ter sentido e significado pra eles. Não adianta nada. No ano passado nós trabalhamos o Flaguebutebol, um futebol americano ao invés do beisebol para a oitava série. Por quê? Eu trouxe vários jogos, eles olharam os vídeos, se interessaram por aquilo, ajudaram a transformar as regras e adaptar pra realidade deles e pra o espaço deles aqui. Então, inclusive, na arbitragem eu era 1 (um) juiz e tinha mais 4 (quatro) que eram eles que me ajudaram. Foi uma coisa que partiu deles. Foi uma coisa muito proveitosa. Teve inclusive um festival aqui. Eu creio que é importante ter essa direção. Agora exige do professor a sensibilidade pra poder adaptar bem na realidade dele, exatamente pra incluir todo mundo.

## RESPOSTA 11

É o meu segundo ano, estou desde 2008.

**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 04 – Prof. Ana (Nome Fictício)****RESPOSTA 01**

Eu entendo por inclusão todo aquele indivíduo que necessite de uma condição especial para realizar uma atividade, seja ela qual for.

**RESPOSTA 02**

Não totalmente. Não totalmente.

**Você dá aula em algumas séries?**

Exatamente. É, em algumas séries.

**Mas você leu a proposta de Educação Física Geral?**

Sim

**Como você teve acesso a esse currículo?**

Por meu meio mesmo, consultando na internet. Lendo alguma coisa na internet. Porque nós não recebemos nada.

**Ah, não recebeu?**

Eu recebi uma proposta curricular esse ano da educação física, o caderno de 2008. Que é o que nós temos na escola.

**Mas você ficou sabendo?**

Eu mesma pesquisei na internet, nas páginas do governo, do Mec, eu vou pesquisando por aí. Porque é assim que eu tenho conhecimento.

**Você gostou? Achou interessante?**

Eu acho que como toda proposta ela precisa sempre de adaptações. Do jeito que foi feito, ainda eu acho que certas coisas não correspondem com a realidade. É aquela velha história, quem publica, quem faz, realmente não vivencia o que nós vivenciamos aqui na realidade, como você está observando essa escola. Então como todos nós, né! Eu falo sempre assim, ninguém pede pra trancar ninguém dentro do guarda-roupa, porque é diferente. Só que do jeito que foi feito, é a tal história, o papel aceita tudo. Só que na realidade é bem diferente.

Mesmo o cadeirante que é o necessidade extrema, o que tem distrofia muscular, o que é gordinho, o que tenha outros impedimentos, e por mim como você citou da religião, eu não encontro nenhuma. Que aliás a maioria aqui é evangélica, eu também sou, mas eu não encontro dificuldade nenhuma por esse aspecto, eu acho que tá tendo uma grande confusão, né! Eu acho que inclusive as escolas discriminam, as próprias pessoas que fazem o documento discriminam essa coisa de religião, eu nunca tive problema nenhum. Nem no particular e nem no público.

### **Tem as questões folclóricas, né! Capoeira, né!**

É, mas eles estudam os temas. Eu acho que é assim, até para participar da festa junina, eu tenho alunos que participam, porque eu esclareço, não vou trabalhar músicas que façam referência com nome de santos, eles não têm problema nenhum. Então, eu acho que tem um grande equívoco aí. Até porque no passado as músicas era muito cultuadas a santos, né! Faziam mastros, hoje em dia as coisas não são mais assim, as festas são bem diferenciadas, até então eu não tenho dificuldade pra trabalhar nem que se for uma dança, ou um jogo que dentro do folclore brasileiro, que todas as nossas brincadeiras e jogos vem daí, as raízes folclóricas. Não tem nenhum problema não. Eles aceitam muito bem.

### **RESPOSTA 03**

Não porque eu acho que já falei já. Na realidade no papel é um, e realidade da estrutura física é outra, e mesmo de conhecimento. Nós não somos assim, não fizemos um aperfeiçoamento pra trabalhar com essas necessidades, e é impossível, você ver a estrutura da nossa escola, a escadaria pra todo lado, falta de material, falta de apoio do pessoal pra mim apoiar, levar o material, pra mim é eu, por exemplo, não consigo carregar uma cadeiras de rodas sozinha.

### **RESPOSTA 04**

Eu recebendo o aluno da melhor maneira possível, explicando o que ele pode fazer aquilo de acordo com o que ele quiser, o que ele acha que seja possível, pra não constranger, porque às vezes a gente quer muito, você fica tão em cima, eu acho que, eu já vi por experiência, que você constrange ainda mais a pessoa. Então num primeiro momento eu converso, deixo bem a vontade, vou perguntando pra pessoa também adquirir confiança em mim, adquirir nos coleguinhas da sala, então é assim que eu procedo nas aulas.

### **É! Pegar confiança!**

Exatamente. É porque fica difícil você receber, vamos fazer isso, eu deixo ele analisar , porque a pessoa que tem uma necessidade especial, ela já é mais constrangida, e tem um sentimento de inferioridade em relação as outras.

#### RESPOSTA 05

Sim, nós temos sim. Nós temos aquelas crianças que estão fora do peso, estão obesas, nós temos aquele que não se interessa por atividade física, o que eu respeito muito.

#### **Já é dele, não gosta!**

Exatamente. Da própria personalidade, não gosta. Por isso que eu trago esses jogos de mesa alternativos...

(pausa para troca de local, por ser horário de recreio)

Então eu trago jogos de mesa, e também pra suprir minhas necessidades no dia de chuva, no dia de chuva não tem pra onde ir, nós não temos quadra coberta, como você observou, o pátio é mínimo, aqui são 4 períodos, quer dizer eu nunca tenho praticamente o pátio livre a não ser em horário quando eles estão tomando lanche, como você observou agora, então a lateral ali tem os banheiros, as vezes se for pra lá sempre tem alguém lavando banheiro, ou tem o problema da caseira dentro da escola, que ela pede pra não ficar lá, por que os filhos estão dormindo, então complica um pouco, sabe o meu horário é mais sacrificado, então eu tenho assim jogo de trilha, jogo de memória, né! Que você viu ali, essas alternativas.

#### **E como é a participação e interação entre eles?**

No geral?

**Isso.**

Ah, eu acho que é boa. É boa. Como você observou ali, eles mesmos acabam fazendo a brincadeiras, eles até preferem, quando a gente dirige, depois você deixa a gente pular corda? Eu vejo que eles gostam de organizar entre eles, né! Então eles gostam de organizar, pedem pra pular corda, aí eles pedem pra às vezes pedem bola de basquete, pra jogar basquete, quer dizer jogar, não é o jogo, mas é uma coisa lúdica, só pra ficar com o material na mão, né! Mas eles participam bem sim. Tem os casos, as pessoas não gostam de chamar de indisciplina, mas a palavra parece que fere, eu não vejo problema nenhum, né! Porque quando a gente fala em

indisciplina, eu pelo menos entendo assim, você estar taxando alguém, mas aquela coisa que tumultua, né! Por exemplo, o grupinho que só quer mandar no jogo, ele não aceita. Até quando a gente organiza uma fila de equipe, tem sempre uns que tentam burlar, ele está fazendo uma estafeta, por exemplo, tem que ir lá dar uma volta na bola e tentar trazer, ele tem que entrar atrás, mas ele entra no meio, atrás do quinto ou sexto aluno, quando ele sabe que tem que entrar atrás. Então são essas coisinhas que mesmo assim entre as crianças e os adolescentes, nada de mais grave.

#### RESPOSTA 06

Sim. Naturalmente sim. Mas às vezes a gente não tem um resultado, e também a minha prática pedagógica, se você observa fica comprometido, porque como eu falei a escola não tem estrutura nenhuma.

#### **A gente tenta, né! Mas não é só da gente!**

Exatamente. Tanto é que a corda sou eu que trago.

#### RESPOSTA 07

Olha eu já fiz e sempre retomo, eu dou orientação pra eles na pirâmide alimentar, que eu sempre falo, mostro pra eles, né! Eu mostro pra eles ossos, os ossos pego assim, até procuro textos de acordo com a idade deles, não aprofundar, né! Mas os ossos principais, o esqueleto eu mostro como é internamente, o nome de alguns músculos principais, daí eles falam assim:

\_\_ Ah! Eu já vi professora na televisão.

Mesmo com textos ou só oralmente mesmo. Não dou texto pra eles copiarem, às vezes umas anotações pequenas, eu adapto bastante. Mas isso não é bem recebido não. Porque eles não vêem a hora de eu entro na sala pra eles poderem sair. Então às vezes você tem alguns que não copiam se recusam a copiar, né! Porque acham que é mais uma lição, não tem essa cultura da informação. Porque o meio deles em casa eles não são habituados, os pais não lêem jornais, não lêem livros, ou mesmo que não tenham, porque eu tenho pais que são semi-analfabetos na nossa clientela, ou totalmente analfabeto, né. A gente até entende essa parte, mas o problema você vê assim o pai que ele não precisa ser assim um leitor ávido, mas ele não se preocupa nem em orientar o filho:

\_ Olha meu filho você quer essa informação? Lê naquele folheto, ou então vamos procurar quem tem um jornal, ou pedir se a escola tem um jornal. Olha a notícia saiu ali, né! Eles não têm essa cultura. Então dificulta muito você trabalhar com textos dentro da sala.

### **Não tem aonde buscar!!**

Exatamente. Não essa cultura de não saber onde buscar a informação, de reter a informação. Pra eles não é interessante. É tudo imediato, imediato. Não querem saber, então a dificuldade de eu introduzir os textos em sala de aula atividade é essa, então eu dou essa pincelada de informação, mas na maioria das vezes eu saio com eles porque, como eu falei aqui é difícil a estrutura, aqui eles não têm um parquinho na hora do recreio, eles não têm um pátio maior, então na aula de educação física eles extravasam mais. Querem jogar bola, eles não querem ser muito dirigidos.

### **Teve alguma que foi negativa?**

O que menos dá certo é o que eu já te falei é ficar dentro da sala de aula, de introduzir as informações. É o que menos dá certo.

### **A partir dessas estratégias você percebeu melhor interação e participação deles?**

Olha! Mesmo quando eles fazem a brincadeiras livres que a gente fica observando, no começo do ano você vai dar um jogo, alguma brincadeira com corda, a corda é um exemplo bem assim, na teoria assim tem medo, acha que a corda vai bater, então você vai explicando montando o momento de entrar, tem o ritmo, né! Que a corda você trabalha com ritmo, e tal. Eu brinco também com salto em distância, então eu coloco as duas cordas, e vou aumentando e as crianças ficam gratificadas por estar evoluindo. Então são evoluções normais, do que a gente espera, de acordo com a faixa etária. Eu sempre tenho isso em mente, porque eu acho que é o básico, não adianta você preparar uma aula maravilhosa, um jogo maravilhoso, se não está adequada a faixa etária. Então é preferível você trabalhar com uma brincadeira ou um jogo simples, né! Mas que seja extremamente adequada a idade dele. Você observa muito mais resultado, porque ele vai satisfazer com o resultado, então não adianta você introduzir coisas mirabolantes que você fez uma proposta maravilhosa, direção e projeto, sendo que metade ali é inviável. Porque as vezes a pessoa se entusiasma tanto que, eu já vi muito isso, em elaborar tantas coisas mas ela se esquece disso, a faixa etária que ela tá trabalhando. E aí a aula não rende porque, a proposta até era boa, mas a faixa etária que não era. Eu vejo muitos profissionais assim, esquecem da faixa etária, e daí não funciona, porque o aluno, o indivíduo

se sente frustrado. Ele não vai corresponder, não é adequado com a faixa etária dele. Não tá preparado.

**Você só teve acesso a proposta e os livrinhos só esse ano?**

É porque de primeira a quarta séries, não existe proposta curricular do estado pra primeira a quarta séries. Só de quinta em diante.

**Mas tem o Ler e Escrever (proposta curricular do ciclo I)?**

É, mas também por isso que eu trago esses joguinhos de memória, com a figura com nomes, ou a trilha de números, porque eu vejo que nem letra nem números eles não conhecem, eu dou aula de primeira a quarta séries, e tem alguns que são quase analfabetos, que escrevem o próprio nome e olha lá! Então eu procuro porque, porque eu também sou professora polivalente, antes da Educação Física eu fiz magistério e eu atuo também em sala de aula. Então eu sei das carências, então eu procuro trazer esses jogos de memória, que tem a figura e palavra escrita embaixo, né! Então no dado pra ele ver a quantidade, tem muitos alunos que não conservaram, você percebe que não tem conservação, no caso da matemática, ele joga o dado, se ele não consegue, ele joga o dado e ele não consegue com o dedinho, quer dizer ele não conservou, em conta ele não consegue ver quantas bolinhas se tem ali, se tem 5 ou 6. Então eu tenho tudo isso, mas aqui é limitado o meu espaço. É muito limitado, a estrutura você observou, né! Eu volto naquela questão. Eu faço o máximo que eu posso.

**RESPOSTA 08**

Olha sinceramente não tem nada de novo. A única coisa é que de quinta a oitava, e agora eu to de só com a quinta também é, eu já vi essa inclusão das lutas, das danças, né! Mas eu repito, é inviável. Como eu vou trabalhar dança aqui. Como eu vou levar um som nessa quadra, alguém pode me dizer?

**Não tem tomada nem nada, né?!**

Nossa, pra você pedir. Você tem que pedir pra não sei quem, você tem que vir com uma caixa enorme. Não tem um som, entendeu? Aí tem que fazer uma extensão de quartinho de não sei aonde, onde sei aonde. É tudo aqui, vamos dizer assim, é tudo “gambiarra”, vamos dizer assim. Então você desanima. E não tem como! Como eu vou dar dança naquele sol? Fala pra mim? O problema é que aqui é a quadra. Como eu vou ficar no pátio?

**Não tem espaço, né?!!**

Aí a diretoria é grudada, não tem como. Não tem! Não tem como!

#### RESPOSTA 09

Se a escola se preocupa, não. Eu acho que não. Se preocupasse com o ambiente inclusivo, não teria essas escadas absurdas que tem por aqui. Embora eles digam que já tem tomado providências, escrevem pra, como é que fala, pra Diretoria, sei lá pra onde escrevem, mas que ninguém toma providência, eu acho que também de um modo geral...

#### **Não vai ter reforma? Na minha tá tendo! A sua não vai ter?**

Olha, tem uma colega aqui que não me deixa mentir. Eu to aqui a 3 anos nessa escola, é a primeira vez que eu trabalho no Estado. Quantas vezes nós já ouvimos falar que a reforma sairia?

A colega respondeu com gestos que faz tempo que fala-se em reforma na escola.

Você tá vendo! Tem cheiro de esgoto na escada, a fossa foi limpa, mas não adianta, olha aonde a gente almoça? Daqui a pouco eu venho almoçar também! No meio de livros, no meio de coisa de giz. Até que hoje tá com greve parcial, mas normalmente eu e minhas colegas, né! A mesa é imunda. É apagador, é giz, nós professores somos tratados também como... Então eu acho que não se preocupa não! Se preocupasse..., eu já sugeri inúmeras vezes, por favor, arrebenta um pedacinho do murro, ali naquela descadinha de grama, tirar algumas só pra passar cadeiras de roda, só passar ali, porque aquela escada é perigosa, também não se trata só de inclusão! Os aluno que não tem dificuldade física, por favor, pra gente, não mas tudo, tudo tem que informar a FDE. Então tá, tudo bem, quando morrer alguém aqui, quando cair alguém, aí todo mundo corre pra televisão pra massacrar, mas arrebentar um pedacinho da mureta, que a FDE não está nem se importando com a nossa existência, pra passar um cadeirante não pode. Mas a gente se arrebentar..., então é isso, eu acho que a gente não se preocupa não!

#### RESPOSTA 10

Olha, eu acho que é isso, que eu volta na primeira questão que você me já fez sobre a proposta. Eu acho que a grande lacuna que fica é que quem redige a proposta, não que seja ruim, mas quem redige esquece de colocar as observações, por que eu acho que tem que vir em letras garrafais, dentro das possibilidades, porque uma coordenação e direção pega aquilo e eles querem que a gente faça, mas a gente não tem condições. O que eu te disse é muito bonito o que tem no papel, mas na realidade é não funciona. Deveria vir uma observação com

letras garrafais, se a escola oferecer condições, eu acho que a única coisa que não está escrito lá.

#### RESPOSTA 11

Estou nessa mesma escola há 3 anos. Desde 2007.